

Aldo Manuel & Nick de Jesus

*Novembro
intrincado*

Parte 1

Novembro

intrincado

Aldo Manuel & Nick de Jesus

BIOGRAFIA




Aldo Manuel, epíteto de Alexandre Domingos Mateus, poeta, escritor e declamador, (Malanje, 10 de Dezembro de 1999), e Nick de Jesus, epíteto de João Viera Dala, escritor, poeta e declamador (Luanda, 3 Outubro de 1999).

Título: Novembro Intrincado

Autores: Aldo Manuel & Nick de Jesus

alexandremateus286@gmail.com / nickdejesus102@gmail.com

 927-700-135 / 927-664-652


 Aldo Manuel / Nick de Jesus

Foto da capa: Nick de Jesus

Disign: Nick de Jesus

É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotografia, impressão, fotocópia, etc) sem o consentimento escrito do autor. A violação desta regra será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no código de direito do Autor e de direitos Conexos. Luanda, 2020. 1ª edição.

Índice

AGRADECIMENTOS.....	7
DEDICATÓRIA	9
NOTA DOS AUTORES.....	11
Capítulo I	13
Capítulo II.....	51
Capítulo III	79

AGRADECIMENTOS

A priori, a Deus, pela sapiência dada a nós; aos familiares e amigos pelo apoio moral, material e emocional;

À Academia de Autores da Huíla.

Ao mecenas “**ÁGUA PRECIOSA**”

DEDICATÓRIA

Aos amantes de Literatura

NOTA DOS AUTORES

Saudações, caro(a) amigo(a), leitor(a)! Desejamos-lhe saúde e paz literária.

Unimo-nos para escrever esta obra pelo sentimento literário que partilhamos; a paixão por aventuras amorosas; a descrição de factos da nossa sociedade, transformada, nas páginas, narrativas romancistas.

Esta obra é integrante de dois volumes, sendo este a primeira parte de uma estória longa de amor por uma mulher, surgido despercebidamente no coração de dois grandes amigos que, desde a ciência de tal sentimento, lutam pelo mesmo objectivo nutrido em fases distintas.

Desejamos que desfrute da primeira parte que, de certo modo, servirá de introdução, recheada de emoções que marcarão, de certeza, sua forma de ser, pensar e de agir.

Numa data a anunciar, publicaremos a segunda parte desta obra, repleta de drama, suspense, emoções, sobretudo, sensualidade.

Objectivamos, com a segunda parte, narrar a luta de um verdadeiro amor sobre espinhos e pedregulhos.

No final, claro, contentar-nos-íamos com os vossos belos comentários, as saudáveis críticas e sugestões de melhoria.

Capítulo

I

—O amor é como os seus olhos que me fascinam, como a sua boca que faz delirar, como tudo que lhe pertence, pois esse tudo foi tocado por suas mãos delicadas e macias, Lia **Marcos** o seu último livro de romance, até então, porém, sem entender alguma coisa sobre o amor, enquanto desfilava seus pés arqueados, como o arco-íris, na calçada, perto dum largo, sob o céu brilhante que proporcionava aquela tarde de Novembro.

— O fogo do amor apaga-se quando ele na verdade não existe, mas o verdadeiro amor é aquele que começa como uma faísca e sem querer, domina o seu coração para sempre. — Percorria ele inspidamente seus olhos pelas páginas do mestre mudo que era aquele livro de romance cujo autor desconhecia. O clima era propício para leitura e, com os auriculares grudados nos ouvidos, belas melodias definiam o silêncio como a suave combinação de sons num ritmo calmo, lindo e hipnotizante que perfuravam os lençóis da alma.

Era, de facto, um livro nu, sem capa e de folhas velhas que ele carregava nas mãos, cujos versos prendiam a sua inocente atenção. Teimoso, enquanto trilhava de fininho a

calçada, lia. — Jamais entenderá o amor aquele que nunca seu coração abriu para amar. — Que palavras chocantes acabava de ler! Aquele escritor, se não mesmo poeta, pela emotividade com que se identificava em seus textos, parecia ter falado de Marcos, pois ele não entendia o “*amor*” e jamais abria o coração para amar. Talvez pelo egoísmo ou valentia, ou pelo medo de se tornar escravo desse sentimento e sofrer cruéis decepções.

— “*Os verdadeiros discursos são os ditos por experiência*”, então, se falar de amor não serei verdadeiro, pensou Marcos por nunca o sentir; nunca o ter. Por essa razão, mergulhava-se em leituras de romances, talvez pudesse encontrar o amor teórico aí, tirá-lo das páginas daquele livro e materializá-lo no seu duro coração até então.

— “Os belos frutos aparecem no momento certo, sobretudo, aqueles que nascem da árvore do amor, que é o nosso coração”.— Confortou-lhe aquele autor nos versos seguintes de seu texto. Estava tudo explicado, como se ele previsse o porvir. Era, talvez, só uma questão de tempo até que o coração de Marcos produzisse aquele “*bendito*” fruto que era o amor. Sim, era mesmo só uma questão de

tempo, talvez minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, sei lá, restava-lhe esperar e deixar a vida prosseguir no seu ciclo normal.

“A experiência é a melhor matéria para se aprender difíceis lições”, de facto, os olhos de Marcos foram traídos pelos sentidos, levados até aos nervos (sistema nervos) pelo odor às rosas que deliciava seu olfacto. As pálpebras abriram-se, as pupilas alinharam-se e a íris dos seus olhos rolaram uns 60° à esquerda para apreciar tamanha beleza de mulher que passava ao lado.

Ex aspectu nascitur amor «O amor entra pelos olhos», sem dúvida! Cor morena, lábios betonados naturalmente, cabelo de negra tratada, pele macia como a de actriz de novelas, aquelas do canal *Zap Novelas*, que as mulheres tanto gostam. A mágica do livro que Marcos lia, realizava-se ao momento. — Ela é uma borboleta em voo livre. — Pensou ele.

Talvez fosse a garota mais bela até então vista por Marcos. Talvez fosse a menina mais linda do bairro. Talvez fosse a mais atraente que ali passava. Mas de certeza foi a que crucificou o olhar de Marcos numa cruz

de admiração, onde se podia ouvir os gritos nos olhos de deleite flamejante.

Talvez naquele momento, se estivesse a deixar levar pela influência literária em suas mãos, orientações românticas do mestre mudo, mas sentia um bater acelerado no coração, como na primeira vez que se interessara por uma rapariga. Lembrava-se como se fora no dia anterior, porém, há dez anos, quando não passava de um garoto tímido que nem o camaleão em seus passos.

Guiado por impulsos infantis, diante da rapariga morena, sua colega de turma na 3ª classe na época, seu corpo tremia como terra em sismos, a temperatura subia como a de vulcões e os olhos, vergonhosos, giravam 90° para o lado oposto, desviando, longe do olhar penetrante daquela, na altura, bela menina, que para ele já era uma mulher, pois também já se via como homem, banhado de perfume que sua senhora mãe comprava para usar nos dias de igreja, porém, ele, às escondidas, usava nas Sextas-Feiras para impressionar as meninas, especialmente a rapariga morena.

Apesar da ousada coragem de menino, Marcos sequer conseguia chegar perto da rapariga morena, parecia ter os pés costurados pelas linhas do medo e o olhar precipitado para baixo por uma força “*gravitacional*” desconhecida, mas que se identificava com a vergonha de menino.

Garoto que era, definia aquele sentimento como o mais puro amor de infância. Um amor como o desconhecido falou “...*que começa como uma faísca e sem querer domina o seu coração para sempre*”.

Agora, mais crescido, jovem esbelto, moreno, Marcos pensa que aquele era um sentimento passageiro de criança, porém, mui forte e afim ao que Teresa, sua irmã, descreve sentir por Pedro, seu namorado, o que o faz pensar seriamente no assunto, sobretudo, assim que seu coração foi invadido novamente por aquele sentimento que, agora, ardia como fogo sem se ver, na concepção de Camões e causava um contentamento descontente que o metia num querer paradoxal, desejar estar perto, porém, afastar-se de medo, continuar caminhando, ao ver aquela jovem morena passando ao lado.

Um tal poeta dizia: *“os frutos do coração não se explicam, vivem-se apenas, expressam-se em nosso bobo carácter, revelam-se em nosso falar e olhar”*. Talvez fosse isso o que Marcos estava sentindo ou vivendo naquele momento, talvez estivesse despercebidamente em seu coração a nascer o amor.

Há quem diga que não exista amor à primeira vista, que ele é um fruto resultante de um longo processo de relacionamento. Pode ser isso, mas o que Marcos sentia naquele momento era algo bem semelhante ao que os clássicos definem como amor. Talvez em Marcos fosse apenas uma continuidade do que surgiu em sua infância por aquela rapariga morena de sua turma, ou talvez fosse apenas uma dor do peito diluída em ansiedade. Talvez fosse só atração por aquela jovem, agora, para ele, desconhecida; talvez, mas era forte o que sentia naquele momento.

As vozes eufóricas que inundavam o largo naquela tarde de Novembro arrebataram Marcos das suas reminiscências de há dez anos.

De volta ao presente, percebe que passou muito tempo apagado nas memórias e a morena já estava distante de si, perto da pedonal, onde esperava por um táxi.

Numa corrida tímida, Marcos aproxima-se daquela desconhecida e fita seu olhar perplexo. Eterniza de alto abaixo aquele corpo deslumbrante numas calças jeans azuis apertadas, ténis preto e um suéter branco, enquanto o cabelo solto de negra, reluzindo os brincos compridos doirados, que voava tímido ao som do vento, fazia-lhe lembrar o brilho e a dança do roseiral do jardim da cidade quando se aproximava o vento leve do ocaso.

Boquiaberto, o coração batia e a ansiedade falava mais alto. Um conflito silencioso ocorria na sua cabeça, era uma luta entre o não e o sim; o vou e o não vou; vai lá e o não vai lá; o anda e o pára; o tenta e o desiste; o aproveita a oportunidade e o nem tentes; o é agora e o não adianta.

Essas coisas acontecem muito a toda a gente quando a garota provoca um formigueiro, arrepios, no corpo inteiro. Os corajosos, aventureiros, muitas vezes, se têm safado, mas os do tipo de Marcos têm feito “*nada*” progressivo.

A jovem notou que estava a ser observada de modo assustador por aquele rapaz, Marcos. Assustada, pois não percebia o porquê, já que ele não falava alguma coisa e fazia apenas caretas de gago, ela entrou no primeiro táxi que apareceu, embora não gostasse de estar em carros já lotados, que era a situação daquele.

Até que enfim, Marcos estava disposto a arriscar. Com uma piscada bem artística, arqueou as sobrancelhas, acenou as mãos e disse: — Olá, jovem, eu sou o Marcos, Marcos António!

Em seu corpo realizava-se uma festa eufórica por ele ter ultrapassado aquela barreira e falar alguma coisa. Afinal, já era um grande avanço para ele, claro! O coração desprende-se do medo e as lombrigas mexiam-se como se estivessem a fazer a dança da vitória.

Em troca, Marcos recebeu uma gargalhada enorme da multidão que estava ali por perto, pois a jovem já tinha saído há 5min.

— Ha ha ha ha ha ha ha!— Ria-se escandalosamente um rapaz. — Você está maluco, moço? — Concluiu perguntando.

— Não! — Respondeu Marcos num tom meio aturdido. — Por que diz isso?

— Porque você parece um...

— Como assim? — Marcos, pasmo, perguntou-lhe.

— A quem você se dirige, apresentando-se assim?

— A e...ela — Balbuciou Marcos, percebendo que a jovem desconhecida já não estava lá há um tempo.

Envergonhado, com o rosto para baixo, o ânimo estafado, voltou-se para a estrada e colocou os auriculares, enquanto escolhia uma música barulhenta para ouvir, que abafasse os insultos que vinham de toda a gente por lá parada.

— Ó rapaz, tenha bom ânimo. — Dizia um homem que vinha de trás, apoiando-lhe a mão sobre o ombro. — É o efeito do amor. — Concluiu.

— O quê?!

— Olá, eu sou o Carlos Vasconcelos. — Apresentava-se aquele senhor de trinta e poucos anos. Esbelto, corpo

atlético, dentro de um terno preto elegante, como daqueles agentes dos filmes de Hollywood.

— Olá, eu sou o Marcos, Marcos António. Como o senhor afirma que isso é amor?

— Eu sei muito bem reconhecer um apaixonado quando vejo um. E você não é exceção.

— O que o faz pensar isso, ó Sr. Carlos?

— O amor, à primeira vez traz o brilho que se formou nos seus olhos, — explicava Carlos Vasconcelos — cria o nó que se ouvia nas suas palavras e causa o medo que se expressava no seu semblante.

— O que é o amor, afinal, para si?

— O verdadeiro amor é aquele sentimento que começa como uma faísca e sem querer domina o seu coração para sempre.

— Ah! — Admirou Marcos, pois tivera um *déjà-vu* daquilo que lia naquele livro de romance cujo autor desconhecia.

— O que foi? — Perguntava Carlos Vasconcelos. —
Nunca ouviu falar disso?

— Acabei de ler isso neste livro. — Respondeu ele,
mostrando o livro que estava em suas mãos.

— Ha ha ha! — Solto um sorriso modesto, Carlos
Vasconcelos.

— O que foi? — Queria saber Marcos. — O senhor já
leu este livro?

— Sim já, amigo!

— Ha ha ha ha ha! É um bom livro. — Concordou
Marcos.

— Sim, é!

— Eu ficaria triste se dissesse que não, Sr. Carlos
Vasconcelos.

— Ok! Ha ha ha ha! — Deu uma boa gargalhada
Carlos Vasconcelos.

Os dois, recém-conhecidos, após aquela conversa
saudável, despediram-se um do outro, trocando os
terminais telefônicos.

Quem era aquele homem que parecia saber tanto sobre o amor? Parecia um homem vindo do reino celestial, pois falava de amor como se fosse um ser diferente. De qualquer modo, talvez fosse sorte de Marcos tê-lo conhecido, ou talvez azar porque a partir daquele momento Marcos não parava de pensar nesse amor.

Sorridente, porém, ainda com a dor tímida no peito, Marcos pegou o primeiro táxi que lhe apareceu, sem velar pelas condições, pois era exigente afim a seu pai e, de costume, entrar em viaturas com ar-condicionado em funcionamento.

Pela lotação infernal, o ambiente parecia uma fornalha daquela a que Sadraque, Mesaque e Abednego haviam sido colocados. A temperatura era sete vezes mais do que a normal e o calor nos corpos escorria como as águas do rio Kwanza, mas Marcos, viajando na sua decepção, quiçá de amor, passada a pouco, não sentia o calor descaindo entre os músculos.

A gentalha não parava de reclamar da situação.

— Ó homem, — chamava um passageiro o motorista, enquanto morria de calor em seu assento — tu és de gelo?

— Não! — Respondia o motorista. — Porquê? —
Concluiu.

— Então, não sentes a temperatura dos infernos que se
faz aqui? — Perguntou uma senhora.

— Não! — Respondeu calmamente o motorista.

— Ah! Que abusado é esse homem. Então, tu não
percebes que este é o próprio inferno? — Perguntou
ênfaticamente novamente a senhora.

— Não! Eu realmente nunca estive no inferno.
Portanto, não comparo esta temperatura ao inferno.

— Seu analfabeto! — Dirigiu-se ao motorista uma
jovem de cabelo loiro.

— Por que esse nome, minha dama? — Perguntou
educadamente um cavalheiro ao lado do motorista, no
banco da frente.

— Ele merece. — Disse a jovem de cabelo loiro.

— Ha ha ha ha ha ha. — Riram-se os outros
passageiros no táxi, esquecendo-se, por uns segundos, do

descontentamento que lhes proporcionava o ambiente quente do carro.

— Mas ó moça, dama, mulher, amante do senhor aqui ao meu lado, — falava o motorista com uma certa ignorância, dirigindo-se à moça de cabelo loiro, apontando ao cavalheiro a seu lado — eu não falei por mal. Apenas afirmei que nunca estive no inferno. Se vocês, seus demónios, já lá estiveram, não sou culpado. Por isso, sabem tanto de lá. Eu não sei.

— Seu estúpido, semelhante a um jacaré com brinco! — Irritou-se a jovem de cabelo loiro. — Eu não sou mulher ou amante desse senhor aí.

— Ah, demónio com cabelo brasileiro! — Devolvia-lhe o insulto o motorista. — Ele acrescentou apontando ao cavalheiro ao seu lado — chamou-lhe de dama. Não sou culpado.

— Ah, seu ignorante! Eu, eu... — Balbuciou “cansada” a jovem, que foi interrompida pelo cobrador.

— Ó minha senhora de cabelo loiro, estou a cobrar. Pára de falar muito e dá-me o dinheiro, por favor. — Disse o cobrador.

— Está bem! — Disse ela. — Mas vocês têm de ver a situação do vosso carro. Não há ar-condicionado?

— Há sim, moça. — Respondeu o cobrador.

— Ó João, — falava o motorista chamando pelo cobrador — não respondas mais. Ela é mulher, não entende essas coisas de ar-condicionado.

— É! — Respondia o cobrador. — Tens toda a razão. Mulheres não entendem, isso é coisa de homem.

— Seus machistas! — Disse uma linda mulher, fininha, de óculos de sol, que estava em pé, com as mãos apoiadas num banco do *Hiace*.

— Aqui não há machismo, moça, só há realidade. — Respondeu o cobrador.

— Ó ignorantes, — até que enfim reagiu a jovem de cabelo loiro, mexendo na sua bolsa, como se estivesse à procura de algo — eu sei muito mais do que vocês imaginam.

— Ha ha ha ha ha ha ha ha ha! — Riu-se dela o cobrador. — Até parece! — Acrescentou.

— Olhem aqui — dizia a jovem de cabelo loiro mostrando seus documentos — eu sou técnica de Frio e Climatização.

— Tsssiiii! — Fez o cobrador um som de quem estivesse sem jeito ou justificção ao ouvir e ver o documento da jovem de cabelo loiro.

— Ha ha ha ha ha ha ha ha ha! — Riram-se deles todas as mulheres que estavam no carro, que por sinal, eram muitas.

— Digam mais alguma coisa. — Provocava uma mulher de seios sumarentos. — Digam mais: “blá blá blá blá...mulheres blá blá blá”, digam!

— Devemos ser civilizados, evitar conflitos, moça.
— Respondeu o cobrador com um semblante envergonhado.

— Ha ha ha ha, que coragem vossa! — Concluiu a jovem de cabelo loiro.

Já próximo da paragem, onde toda gente ficaria, Marcos é despertado pelos empurrões da gente que queria descer. Pensativo, desorientado, com a cabeça nas nuvens, pensando ainda na talvez única oportunidade perdida, pagou sem ter recebido o troco que prometera devolver à sua boa mãe e desceu apressadamente. Seus olhos viram apenas as mãos entregando duas notas que o cérebro não reconheceu o valor porque ainda viajava noutros mundos.

A desgraça de uns é a sorte de outros. Talvez tenha sido aquele o conceito daquele cobrador que sorriu ao receber de Marcos duas notas de cinco mil kwanzas e ficar com o troco.

Caminhando, a um 1km de casa, Marcos notou o quão molhado estava de calor, como se tivesse dado um mergulho nas águas da praia da rua onze e, de seguida, vestido sem passar uma toalha para enxugar o corpo.

Com seu estilo vaidoso, apressado, corre até à casa, onde se dirige ao banheiro.

Sua atitude desperta a atenção da mãe que, numa típica reacção de mulher angolana, encheu a casa de gritos, como em seus dias de zunga no mercado do Kikolo: — Ó

senhor Marcos, então, entra a correr assim?! Cadê o meu troco. Preciso comprar nova mercadoria.

A atenção de Marcos estava desligada. Seus ouvidos pareciam estar tapados. A água suavemente escorria em seu corpo, parecendo o toque não sentido daquela jovem desconhecida que lhe paralisou a pouco no largo. O sabonete novo, que sua mãe trouxera, libertava um aroma a rosas semelhante ao perfume daquela jovem. A rede malhada parecia aos olhos castanhos dela que brilhavam ao sol.

A serenidade com que jogava a água às costas fazia-lhe lembrar do frio que sentiu diante da gíngua que a modelo dos seus olhos mostrava ao passar perto dele.

Nesse dia, Marcos demorava mais no banho. Acariciava seu genital até produzir aquela sensação de arrepios no corpo inteiro e o gemido solitário que os homens bem conhecem.

De onde terá surgido aquela criatura que despertara tamanho sentimento em Marcos? Será que era um amor de verdade que estava prestes a se revelar? Ou somente uma

mera atracção que levava Marcos criar tal paraíso de mulher em sua mente?

Que mulher dos infernos! Acabava de levar Marcos a cometer o vergonhoso pecado de Onnã.

Por demorar tanto tempo com a higienização corporal, Marcos parecia um recém-baptizado com a pele suave como a de Naamã saindo do rio Jordão — novo homem. O que não esperava, era ver a mãe com o rosto fulo de raiva como tomate avançado do tempo.

Chateada pelo ocorrido, quando Marcos chegava, disse a mãe: — Ó senhor, — dirigindo-se a ele — por acaso estou falando com um surdo-mudo?

— Ah! Por que tal pergunta, mãe? — Respondeu Marcos.

— Eu chamava-te tanto — explicava a senhora sua mãe — assim que entravas.

— Não a ouvi, mãe. — Disse ele.

— E no momento em que entraste no banheiro, não podias responder?

— Ma..., mãe, estava a banhar! — Gaguejando, respondeu Marcos.

— Está bem! Cadê o meu troco? — Perguntou a mãe, já toda fula.

O troco, sim! Parece que o pesadelo ainda não tinha terminado porque Marcos não tinha o troco consigo. Lembrou-se de que não o recebera do cobrador daquele táxi depois de descer.

Sem saber o que dizer, pediu desculpas à mãe mentindo que comprara um tênis de cor azul-escuro.

— Opa, tsi! O que farei contigo, Marcos?! — Zangou-se mais ainda Sr.^a Laura sua mãe, procurando saber. — Já fiz a minha lista de compra. Onde sairá esse valor? Teresa, estás a ver o comportamento de seu irmão? Continuou, querendo dar a conhecer à Teresa sobre a atitude de seu irmão.

— Prometo devolver assim que eu conseguir os valores. — Tentou defender-se Marcos.

— Onde vais tirar o dinheiro se tu não trabalhas, seu estúpido? A menos que roubes, claro! — Respondeu-lhe a mãe.

Uma tempestade de tristeza apoderou-se do semblante de Marcos que, sem ter o que dizer, retirou-se dirigindo-se para o quarto.

Palavras são unidades de um valor pesado na balança dos sentimentos. Elas magoam até a mais dura alma. Independentemente da intenção, elas poderão encontrar frágeis ouvidos que as carregam como facas afiadas até ao coração.

Com as palavras dá-se vida a uma criatura perdida, traz-se o homem à vida, fazem-se as coisas no universo, convencem-se mil almas, conquista-se um coração.

Com o corpo ainda molhado, enquanto remoía o pecado cometido no banheiro; oportunidade perdida no largo; as duras palavras da mãe, porém, merecidas; as mãos eram guiadas por um inconsciente de rapaz chateado, agarravam em tudo que aparecia para vestir. Afim ao Pimpão, Marcos, desta vez, desrespeitava seu

princípio indumentário, vestia de grosso, diferente das vezes que se apresentava de fininho.

Em lágrimas, almejava apenas sufocar a cabeça no travesseiro e construir belas utopias para se esquecer dos berros da mãe.

— Bum! — Fez a porta um barulho de arrepiar a alma, enquanto Marcos tentava deitar a cabeça e descansar o corpo.

Marco deu um susto daqueles de filmes de terror. O coração parecia sair pela boca. Sem lhe ter concedido o direito de soltar a voz para gritar de susto, o irmão, Anderson, com o rosto banhado de lágrimas amargas, uma voz cansada, grita por ele: —Marcos!

— O que foi?! — Queria saber Marcos com um ar assustado. — Tem calma. Por pouco me matavas.

— A ma...ma...mãe— Balbuciava Anderson sem terminar suas palavras.

— Sim, o que aconteceu com ela? — Replicou Marcos com um coração de mulher, os olhos de bebê, prestes a

derramarem lágrimas e a vontade de gritar de desespero presa na garganta.

— Ela acabou de dar uma crise assim que vocês terminaram a conversa. — Explicou Anderson.

— Naaaaão! — Deu Marcos um grito amargo de “Marta, irmã de Lázaro” chorando amargamente.

Laura, mãe de Teresa, Marcos e Anderson, desde que lhe falecera o marido, pai dos filhos, numa noite fria de Junho, em Luanda, após um longo período de luta contra uma doença tradicionalmente chamada “*tala*” que adquiriu tão logo que foi promovido a general nas FAA, tornara-se uma mulher depressiva. Ela, a partir daquele momento, era mãe e pai dos meninos, longe e sem apoio da família.

António, seu marido falecido, era um “Abraão”, bom homem, trabalhador, honesto. Ele era um “Moisés” no seu serviço, facto que despertou o interesse dos superiores e a ira dos colegas semelhante a dos onze filhos de Jacó diante José.

Contava-se no bairro, sobretudo, por Alisa e Roberta, amigas de Laura, que hipoteticamente António fora morto pelos colegas. Mas no hospital, os médicos diagnosticaram, no relatório, uma ferida crónica sem precedentes.

Laura já não era a mesma mulher desde então. Estava constantemente estressada. Tinha uma rotina agitada porque redobrava os esforços para ser mãe pássaro e alimentar seus filhotes num ninho que, devido a falta de manutenção que parou com a morte do marido há dez anos, deteriorava-se aos poucos. As paredes da casa careciam de uma boa pintura. Os cansados anexos no quintal que planificavam arrendar, precisavam de uma bela reabilitação, pois não assediavam inquilinos.

O tecto da casa chorava às noites nos dias de chuva. Por essa razão, Laura adquiriu uma P.A “*pressão arterial alta*” e já não devia gritar, nem ouvir tantas reclamações ou ser exposta a vários problemas.

Laura ao chão como uma morta; Anderson gritando em choro, enquanto trazia Marcos, a casa estava abafada

de um completo desespero, sem falar do calor infernal que se fazia.

Uma coisa foi comprovada: os estudos de Teresa no IMPTS (Instituto Médio Profissional de Técnicos de Saúde) não eram em vão, pois ela não se deixava levar pelos gritos de menina que os irmãos soltavam naquele momento.

Como uma excelente estudante em Técnicas de Enfermagem, aplicava tudo o que aprendeu durante os seus três anos e meio de escola.

Teresa, jovem atraente, preta, com um brilho de kimberlito negro, crespa de invejar as colegas, era uma excelente estudante. Herdou da mãe o corpo de viola e o coração valente e do pai, os glúteos saudáveis e o amor do tamanho do mundo pelo próximo. Tinha uns olhos estranhamente cinzentos, lábios meio rosados e uma pele linda de negra tratada.

Estava no quarto ano do médio, um pouco atrasada, claro, com 22 anos, mas deu-se o facto devido as dificuldades que a família passava com a morte do pai, já que não recebiam pensão alguma das FAA.

Com uma atitude já de enfermeira profissional, enquanto a mãe parecia dar o último suspiro de vida, juntou os palmos de suas mãos macias, semelhantes a de princesa, fez o gesto que os profissionais de saúde bem sabem, massajando-a o peito, bem no centro, para a reanimar.

Anderson e Marcos chegaram até a sala, encontraram Teresa, calmamente, fazendo o processo de reanimação.

Não ajudando nada, Marcos e Anderson, como viúvas, gritavam em choro, chamando pela mãe em um coro melancólico: —Maaãe! Maaãe, maaãe, não nos deixe!

—Virem homens e ajudem-me a pôr a mãe sobre o sofá. — Imperou Teresa.

—Está bem, está bem! — Responderam em elegia, numa rima roca, os dois irmãos que de seguida fizeram o que a irmã orientou.

Eles, em harmonia, abriram as janelas e as portas, permitindo a entrada de um ar puro.

Em seguida, com novos métodos, Teresa subiu ao sofá e deitou-se sobre a mãe, pondo a sua boca sobre a da mãe,

os seus olhos sobre os da mãe e as mãos sobre as da mãe, e ficou encurvada até que o corpo da mãe aqueceu.

Não dando certo, desesperada, porém, moderada, Teresa desceu, dobrou os joelhos e orou a Deus, como a mãe a ensinou desde menina.

Terminando a oração, com os olhos brilhantes de menina preocupada, voltou a subir ao sofá, encurvou-se sobre a mãe; então a mãe espirrou algumas vezes e abriu os olhos.

Alegre, ela chamou os irmãos que, tristes, já se tinham enrolado aos lençóis de choro, e pediu-lhes que se aconchegassem e disse-os: — Olhem, a mãe acordou!

Aproximando-se, Marcos, em sintonia com o irmão, dirigiu-se à mãe, marcando passos descompassados, como de bêbedo, e perguntou-a: — Mãe, o que está sentindo?

— Não te preocupes, meu filho, não é nada grave. — Respondeu Laura com uma voz roca, tentando não preocupar ninguém.

Os filhos achavam que fosse só estresse ou cansaço que levou a mãe a desmaiar, mas a razão do ocorrido era

outra, embora, claro, a atitude de Marcos tenha, em parte, contribuído para piorar a situação, o assunto era bem mais complicado do que eles imaginavam.

Há um ano Laura recebeu a notícia, após uma consulta no Hospital Geral de Luanda, que tinha P.A. Ela sabia o porquê de sua recaída, pois não era a primeira vez, só os filhos não sabiam. Ainda há dois meses, ela deu outra recaída enquanto discutia com um cliente no mercado. Foram as amigas e um desconhecido que a socorreu.

Ciente disso, Laura procurava todas as formas possíveis para esconder seu estado de saúde dos filhos, mas ultimamente as recaídas estavam a ser constantes. Talvez porque já não tomava a medicação orientada pelos médicos, ou talvez devido o seu alto temperamento de mulher aborrecida.

Na verdade, Laura já não sabia o que fazer, pois o troco (9.900kz) que Marcos, negligentemente deixou no táxi, já tinha seu destino. Laura desejava, com aquele dinheiro e mais uma quantia que guardava há muito tempo, que no total daria 20.000 kz, comprar alguns remédios que lhe foram recomendados por Lázaro Neto,

um doutor em medicina natural que tinha sua clínica na cidade.

Lázaro Neto, senhor de 45 anos, gordo, fulo, descendente de portugueses, sorridente e inteligente, era um doutor formado em Cuba. Muito reconhecido e respeitado, tinha a fama de com suas singulares técnicas, curar várias doenças que muitas vezes no Hospital Geral não eram solucionadas, a P.A era uma delas.

Lázaro Neto, bom homem que era, conheceu Laura no mercado há dois meses, quando ela deu uma recaída enquanto discutia com um cliente. Ao ver a situação, enquanto passava com o seu *Mercedes* azul-escuro ao lado da roda que as pessoas faziam em volta do corpo de Laura, aproximou-se, descendo do carro, pedindo explicações do que se passava a uma jovem de *mulele* (pano), inteligente que era em medicina, percebeu logo que se tratava de uma P.A.

Comovido, ofereceu-se para a ajudar. Como teria de viajar, recomendando-lhe alguns medicamentos, os mais baratos que havia, claro.

Laura via naquela ajuda a solução do seu problema de saúde. Ao descobrir que o filho tinha estragado, de certo modo, seus planos, a tensão subiu, piorando o seu estado de saúde.

— Mãe, sei que a culpa é toda minha — culpava-se Marcos, tentando consertar seu erro, com profunda dor no coração — mas eu prometo dar o dobro do que gastei. agi feito um louco, pois bem sei o que temos passado e de como a mãe se tem sacrificado por nós.

Apesar da gravidade da situação, ou talvez mesmo por ela, Marcos não queria falar a verdade, revelar que não comprou ténis algum, que afinal tinha dado dinheiro a mais (10.000 kz) e não recebeu o troco por estar a pensar naquela jovem linda que viu no largo, enquanto caminhava lendo o seu livro de romance.

No seu coração havia o grande conflito entre fazer o bem e o fazer o mal; dizer a verdade ou permanecer na mentira; contar a alguém e aliviar o peso ou permanecer calado e fazer daquele o seu segredo.

De qualquer forma, o bem, naquele momento era calar-se, não dizer a verdade para não piorar a situação da

mãe, de facto, como mostra a velha máxima latina:
«*Minima de malis* : dos males, o menor».

— Eu sei, filho, mas é meu dever de mãe alimentar-vos.

— Sim! E eu não fui justo ao gastar o dinheiro em calçados.

— É a juventude, meu filho!

— Por isso mesmo eu vou recompensá-la.

— De que modo?

— Vou trabalhar.

— Onde?

— No primeiro lugar em que me derem um serviço.

— Aprecio muito a tua determinação, meu filho, mas, não que eu seja céptica, olhando para a realidade do nosso país, sobretudo, aqui na capital, não será agora que conseguirás um emprego. — Explicava Laura que, de seguida, diluiu-se em recordações tristes, perfumadas pelo odor do sofrimento, acompanhadas de um frasco de lágrimas. — A nossa família vem de uma geração bastante

pobre. Esse deve ser o nosso destino. Por isso, não te culpo de nada. Vosso pai era já a nossa única chance para mudarmos de vida, mas a morte, a morte, a morte... — Foi Laura interrompida por uma imensidão de reticências proporcionadas pelas lágrimas que travavam os lábios.

— Prontos, mãe, — consolava-a Teresa — não chore mais. Se não, vai piorar o seu estado de saúde.

— Ah! Se eu continuasse também os meus estudos... — remoía o passado Laura — terminasse a minha faculdade, aproveitando, na altura, o apoio do vosso pai... não fosse teimosa, quando ele me insistia a terminar a licenciatura... Eu seria alguém e não estaríamos a passar por essas dificuldades.

Laura, com 45 anos agora, sempre foi uma mulher culta. Parou, na altura, no segundo ano da faculdade de letras da UAN para se mergulhar no mar de vaidade e deleites da vida luxuosa que tinha com António, enquanto namorados.

Com apenas dois filhos, Teresa e Marcos, na época, aos 26 anos Laura já tinha encerrado o ano académico há 4 anos, embora António fosse contra a ideia, pois ele era

formado em Ciências Militar, pelo ISTM, em Luanda e já usufruía de um bom salário.

Agora, já senhora, Laura arrependia-se da má decisão tomada há muito tempo, quando era ainda jovem, ao ver a pobre senhora em que se tornou com a morte do marido há dez anos.

— Prontos, mãe, — consolava Marcos — não chore mais. Todos nós cometemos erros dos quais nos arrependemos pelo resto da vida. — Concluiu com o tom de uma certa experiência recente, claro, que era o seu caso.

Como a galinha que junta os pintos debaixo das asas, Laura estendeu os braços sobre os ombros dos filhos, diluindo-se em lágrimas, e abraçou-os bem forte dizendo: — Amo-vos muito, meus filhos.

— Também nós, mãe, também nós. — Responderam eles em coro, como têm feito na igreja no momento de entoar louvores ao Criador.

É na fé, na esperança e no amor onde se encontra o remédio para a vida. É nas adversidades da vida onde

nasce fé para os mortos de espírito, a esperança para os desesperançados e o amor para quem sente ódio.

A vida para ser vivida precisa de fé para se crescer, a esperança para se continuar e não desfalecer e o amor para se ir reviver.

Sem fé, mulheres como Laura tornam-se infiéis e homens como Marcos e Anderson ficam sem esperança. Sem fé, mulheres tornam-se impacientes e, depois, pacientes. Sem o amor o homem perde o sentido de viver, porque para que a vida seja vivida conforme é vivida e bem-vista, sem ambiguidade e agressividade, precisamos de entender que: a fé é acreditar naquilo que não se vê e crer que se pode obter.

A esperança é especializar-se na fé, olhar com os olhos de Ana para obter confiança naquilo que se deseja alcançar. E o amor é o resultado ou a soma da fé e esperança, pois, com essa aritmética, entende-se que: a ausência de fé subtrai a esperança.

É esta fé, a esperança e o amor que pairavam naquele momento do abraço em família. Em seus corações, a trilogia sentimental brotava como rosas no Éden e as mãos

estendidas de amor sobre os corpos pareciam o Eufrates, o Pison, o Gion e o Tigre.

Apesar do amor de Maria que circundava naquela sala, já à noite, a teoria da “*Co-responsabilidade inevitável*”, na cabeça de Marcos, atormentava-o como o “*Legião*” no corpo do endemoninhado de Gadareno. Esqueceu-se, naquele momento, da jovem linda do largo e não parava de pensar na triste realidade de sua família.

— Rhumm! Rhumm! Rhumm!! — Vibrava em silêncio o telemóvel de Marcos, um *Unitel laranjinha* analógico já meio cansado. — Rhumm!! Rhumm!! Rhumm!!

Sentiu Marcos a vibração do telemóvel no bolço da calça. Com a mão esquerda, afastando-se educadamente do círculo de abraços em família, tirou o telemóvel para atender.

Com o polegar, apertava de raiva a tecla verde, já sem carne, dura, para atender

— Alô! — Disse ele, após ter conseguido atender o telemóvel. — Alô...

— Boa noite, apaixonado rapaz! — Disse a voz, roca, porém, suave como a de um apresentador de programa de televisão, no outro lado da linha.

— Hum! Rapaz apaixonado?! Quem fala?

— Sim, rapaz apaixonado. Sou eu, Carlos Vasconcelos.

— Oh, boa noite! Como está?

— Bem, obrigado! Olha, meu rapaz, estou meio ocupado, não poderei falar muito agora. Liguei apenas para lhe dizer que há um amigo que precisa de funcionários para o seu cyber. Caso estejas interessado e tenhas conhecimento básico em Informática, gostaria de te indicar para lá.

— Sim, sim, estou e tenho domínio desta área. E qual é este cyber?

— É muito conhecido como “cyber do chinês Jim”.

— Certo! Conheço, é pertinho da minha casa.

— Muito bem! Vai lá amanhã, muito cedo.

— Obrigado, mais uma vez, sr. Carlos! — Disse Marcos, despedindo-se de Carlos.

Com o semblante eufórico, Marcos, despedindo-se da irmã e a mãe, foi dormir.

Ansioso, não conseguiu pregar os olhos e morrer a cabeça sobre o travesseiro, pois pensava ainda na possível vaga de emprego no cyber, e mui esperançoso estava em surpreender a viúva mãe.

O sol tardava a chegar, sua aurora cedinho brilhar e logo o galo, num ritual, cantar, parecia ser Janeiro. Com grande ansiedade, Marcos amaldiçoou a noite, dizendo: — Maldita és tu, ó noite longa porque as tuas horas não andam logo, os teus minutos não lhe obedecem, os segundos são traiçoeiros e os milésimos são como o camaleão!

Afogando-se em monólogos, Marcos foi levado por um profundo sono. Parece que ele terá encontrado o remédio para a insónia.

Capítulo

II

Há meses que se tornam marcas irremovíveis na mente do homem. Novembro jamais sairia da cabeça de Marcos. Mês em que leu vários livros de amor; mês em que viu a jovem, quiçá, mais bela em sua vida; mês em que a saúde de sua família piorou; um mês das “*maratragédias*”. Nem que quisesse, seria impossível esquecer-se de tais acontecimentos distintos.

Como camelos que depois de uma longa caminhada abaixam o pescoço sobre as águas de um rio para recuperarem as forças e continuarem a jornada, Marcos voltou-se para a realidade da vida, observando os pontos (in)superáveis; nas (im)possibilidades para recomeçar.

Recomeçava sua jornada lendo mais um livro de motivação. — Vale a pena percorrer distâncias cuja força resultante geraria a mais bela trajetória de sua vida.

Desta vez, percorria seus olhos pelas páginas castanhas de um livro antigo, rico em frases de motivação. Um livro de aspecto do tempo de Cícero, Fernão de Oliveira, Camões et al, todos os cérebros da antiguidade:

Quando cansado e com sede, a água devolve as forças como a vida devolve a chance de viver outra vez quando o homem reencontra, em meditações, o sentido da vida, o segredo do universo. A vida ensina a pôr limites onde não há derivadas e parênteses a tudo que causa dor.

É importante entender as reacções da vida como um fenómeno resultante da transformação de uma nova matéria; expressar-se como um poeta que se derrete semelhante a um bebé, nas mais simples emoções da vida; ser firme como Jó, corajoso como Josué, temente como Elias, humilde como David, para entender as novas experiências em meio aos conflitos que acontecem na vida e sábio como Salomão, para discernir o correcto do errado.

Entender que na estrada da vida, precisamos fazer contornos do que continuar perdido num caminho; A vida é como um labirinto, às vezes é necessário regressar, encontrar a trilha certa para se andar.

Como homem responsável, disposto a consertar o seu erro, Marcos arrumou os documentos necessários, mesmo não tendo terminado a sua formação acadêmica no Curso Técnico de Informática, para levar ao cyber recomendado por Carlos. Estava disposto a pagar o dobro da sua dívida.

No dia seguinte, às 5h da manhã, entusiasmado, Marcos levantou-se sem fazer o ritual de higiene matinal, vestido de preto.

Os passos apressados de Marcos atropelaram o silêncio da madrugada e retiraram a mãe, assustada, da sua conversa com Deus.

Laura, desconfiando dos ataques sonâmbulos de Anderson, recolheu os joelhos, esticou as pernas de preocupação, com apenas os panos em volta do corpo, foi até ao quarto dos filhos.

Anderson, o caçula, de olhos rasgados, pele escura como a de Teresa, um corpo tímido de adolescente, era sonâmbulo. Várias vezes, pelo barulho dos carros, acordava no meio da estrada, outras vezes, pulando a janela, passeava, nu, no beco ou no quintal dos vizinhos, o que levantava fortes suspeitas de bruxaria. Era um milagre estar ainda vivo.

Este problema surgiu desde a morte do pai, quem não chegou a conhecer devidamente e, apesar de estar apenas com sete anos quando ele morreu, porém, mui apegado a ele, afirmava vê-lo, quando em sonambulismo.

Desde a última vez que seria por pouco atropelado, Laura mandou reforçar a segurança da casa para ele não mais sair, quando nesse estado e triplicou a atenção prestada. Desde então, o sono já não habitava aquela casa e os olhos de Laura nunca mais tinham morrido num bom e merecido descanso.

—Pum, pum, pum! — Fizeram um barulho os punhos cerrados de Laura ao bater na porta do quarto de Anderson e Marcos. — Ó Marcos, abre a porta. — Pediu ela com preocupação.

Em resposta, o ambiente foi consumido por um silêncio abismal e o frio que entrava entre os furos do tecto da casa batiam sobre o corpo meio nu de Laura, trazendo-lhe lembranças dos toques frios das mãos do falecido marido, navegando sobre seu corpo, desde os lábios até ao ventre descoberto, quando aproveitavam, na madrugada, calarem-se e deixarem apenas seus órgãos lutarem em silêncio conjugal.

Com as mãos sobre a maçaneta da porta, o corpo encostado às laterais da parede dura como o peito atlético do falecido marido, Laura era levada em nostalgia, quando a porta encostada cede ao peso de seu corpo morto em lembranças e abre-se por inteiro, proporcionando-lhe a vista do quarto escuro. Eleva a mão esquerda sobre o interruptor que baloiçava à deriva, pendurado no condutor velho e despregado, liga a lâmpada.

Virando os olhos 20° à direita, até onde a energia permitia que a luz da lâmpada suplantasse, entre as costas da porta e a parede encabidada de roupas, vê, na parte de baixo do beliche de um andar, Anderson num sono de *Bela adormecida*. Despreocupada, porém, o alarme do sexto sentido em activo, eleva os olhos para a parte de

cima, naquele momento, habitada só por almofadas e lençóis desarrumados, onde dorme Marcos.

— Ah, aonde, a estas horas, esse rapaz terá ido?! — Admirou Laura perguntando-se por Marcos.

— Será que se adiantou à visita a seu pai no Alto das cruzes? — Insistiu Laura, enfatizando o dia especial que era aquele.

Era 2 de Novembro, dia internacional dos finados. Nessa época do ano, Laura banhava-se de lágrimas, mergulhava-se nos passados momentos inesquecíveis com seu marido, quando vivo. Era um dia cinza para seus olhos que se cansavam de lágrimas diluídas em recordações dum amor eterno.

Era, como para várias famílias católicas da vizinhança, um ritual ligarem todos os caminhos aos jazigos. A frase “*Todos os caminhos dão a Roma*”, faz-se sentir. Multidão, em toda parte do mundo, de toda etnia, nesse dia dirigem-se para as tumbas de seus entes queridos.

Para Laura não era diferente. Era o dia de se diluir em choro, em monólogos com os restos mortais do marido;

levar novos ramalhetes para aformosear e um “*Giorgio Black*”, de que tanto gostava António, para unguentar a tumba.

Com passos delicados, aproximou-se de Anderson, elevando sua mão direita sobre as costas dele, com uma voz baixa e suave como o ar da madrugada, interrompendo o sono, chamava: — Anderson, Anderson, Anderson!

Repetiu a praxe três vezes, batendo a mão sobre as costas do filho. — Hãh!...—Soltou um som preguiçoso Anderson.

— Sim. Levanta, filho. — Disse Laura.

— Ah! Quem é você? — Assustou-se Anderson.

— Calma, calma, filho, sou eu, a mamã. — Respondeu Laura, passando as mãos sobre a cabeça de Anderson, falando suavemente.

— Ah, mãe, o que foi?

— Levanta.

— Para quê, mãe?

— Te esqueceste de que dia é hoje?

— Sim. É importante?

— Não fales isso, filho!

— Por quê, mãe?

— Hoje é 2 de Novembro.

— Ham! Desculpe-me, mãe. — Disse Anderson, que se dilui em lágrimas abraçando a mãe.

— Está bem, meu filho — falava Laura com a cabeça encostada ao ombro do filho e os lábios molhados de lágrimas — está bem, agora vai já te preparar. Acho que o teu irmão já terá ido ao cemitério; ele, neste dia, gosta de ir mais cedo.

— Ah, mas por quê?

— Ah, tu já sabes a mania desses jovens. Gostam de parecer durões e não chorarem enfrente dos outros. Assim, sozinho, ele chora sem ser visto.

— Ha ha ha! — Soltou um sorriso tímido Anderson, esquecendo-se, por uns segundos, da tristeza que lhes oferecia o 2 de Novembro.

— Agora vai, vai já! — Apressou-o Laura.

— Sim, sim! — Respondeu Anderson.

Desgrudando os traseiros da cama, Anderson fixou seus pés descalços ao chão e, arrastando-os, em passos lentos, dirigiu-se ao quarto de banho ali do quarto que restou da velha e confortável suite; e Laura, com os panos dançando seu corpo, cobrindo a preciosidade do falecido marido, dirige-se até o quarto de Teresa que ficava aí ao lado, a 3m.

Andando pelo corredor, o piso de madeira cansada reclamava-se do peso que vinha das pernas grossas de Laura.

Teresa, patente do dia que era aquele, em seu quarto, procurava pela roupa por vestir. Abrindo o armário, vê o luto habitual, porém, traída pelo vestido carmesim ao lado, enquanto tentava alcançar o sutiã, eleva-se em recordações de 10 de Setembro.

Na noite de 10 de Setembro, aniversário de Pedro, seu namorado já conhecido pela família, Teresa usava aquele vestido carmesim de brilhantes nos lados inferiores, levando um presente forrado em papel de decoração. Naquele apartamento, na ausência dos convidados,

sozinhos, à luz fraca da lua que trespassava as janelas de vidro, Teresa quase transgredia os princípios do “*Tchicumbi*”, onde esteve há sete anos, orientada pela tia, irmã do pai, levada pela mãe, quando visitava, por obrigação cultural do pai, os seus avós em Cabinda, após três anos a morte de António, seu pai.

No silêncio, apenas ouviam-se os sons das bitocas apaixonadas. Com a mão esquerda, Pedro fazia-lhe um cafuné e com a direita, atreveu-se a chegar às partes íntimas, friccionando, em afagos, o clítoris até causar excitação na pobre inocente Teresa.

Num jeito inconsciente, Teresa molhava-se de excitação, quando os dedos malandros de Pedro feriam o hímen, penetrando pela uretra, o lugar proibido, enquanto namorados.

Fluía nas sensações do momento, em grandes apertos sensuais, quando a moral lhe puxa as orelhas, trazendo-lhe à consciência, palavras da iniciadora, sua tia, no “*Tchicumbi*” — “*Os ensinamentos do Tchicumbi estão ligados à Educação Moral Cívica e Sexual para o resto da vida. Ser mulher íntegra, pressupõe respeitar-se, dar-se*

valor, ter dignidade. Em momento algum, envolver-se antes do casamento. Tudo isso em memória dos ancestrais”.

Naquela noite, Teresa, sentindo-se suja, dá um basta e vai-se embora, deixando ao chão o presente que trazia consigo.

— Pum, pum, pum! — Teresa é interrompida pelo bater da porta.

Voltando à realidade, fora das lembranças de 10 de Setembro, que trazia aquele vestido carmesim, Teresa tira o luto do armário, vestindo, responde: — Quem bate?

— Sou eu, filha! — Responde Laura.

— Sim, mãe, pode entrar.

— Hiiimmm — Faz um barulho a porta do quarto ao ser aberta pelas mãos frias de Laura.

Laura entra calmamente, mirando os olhos no corpo da filha que vestia apressadamente.

— O que foi, filha? — Perguntou Laura ao ver a filha a vestir desorientadamente.

— Nada, mãe. Só acho que já estamos atrasadas.

— Sim, mas vê lá como estás vestindo. — Alertou Laura a filha.

— Ah! — Admirou Teresa quando vê a bagunça que fazia em seu corpo.

Laura, num gesto nobre, aproxima-se e ajuda Teresa a vestir em condições.

— Ah! Ha ha ha ha, agora sim. — Disse Laura, mostrando um frio e tímido sorriso de satisfação.

— Obrigada, mãe! Desde os tempos em que eu brincava com as minhas bonecas, sempre soube cuidar da minha indumentária. Ha ha ha! — Recordou Teresa, exibindo um pequeno sorriso de gratidão.

— Ah, não exageres, filha. Eu também fui jovem como tu!

— Está bem, mãe. Vamos?

— Não! Vamos ainda meter qualquer coisa no estômago, enquanto esperamos pelo Anderson.

— Está bem! A propósito, o Marcos já está também preparado?

— Ah, minha filha, tu sabes que ele, neste dia, prefere ir sozinho. Nem adianta esperar por ele, mas acho que já terá lá chegado, pois saiu mais cedo.

— Sim percebo! Então, vamos à cozinha.

— Sim, já estava a perder o apetite!

Anderson, de preto, dentro do facto que a mãe comprava para a sua festa de formatura do I ciclo do ensino secundário, assediado pelo som dos talheres roçando os pratos que vinham da cozinha, dirigiu-se até lá.

Vendo Laura e Teresa deliciando-se do mata-bicho, juntou-se a elas para também saborear aqueles pães caseiros e o chá cálido de *folhas de eucalipto* feitos pela mãe.

Entretanto, em passos acelerados, Marcos dirigia-se ao cyber, cheio de esperança.

“*Tempo é remédio*” como dizem os grandes adágios. Seria uma ferida sarada, uma dor anestesiada e muitas lágrimas enxutas na vida de Marcos.

Ao aproximar-se daquele cyber, Marcos enclausurou-se na luta do “vou ou volto”, “falo ou calo”, procurando, num rascunho mental, criar discurso para expressar com modéstia suas ideias a um homem que se encontrava defronte à porta do cyber.

Era um homem de cabelo duro, usava um corte de cabelo, pele escura e olhos avermelhados com 1,90 cm de altura

— Bom dia, senhor? — Saudou Marcos.

— Bom dia! Tudo bem, rapaz? — Respondeu o homem.

— Sim, estou bem, obrigado!

— Então, o que desejas?

— Desculpe, fui informado de que este cyber está a iniciar um processo de recrutamento para o preenchimento de uma vaga. Encaro com entusiasmo a possibilidade de integrar a este cyber de prestígio, possibilitando o seu crescimento no mercado. — Explicou decoradamente Marcos.

— Hum! — Surpreendeu-se o homem, que aparentava ser o dono do cyber.—Desculpa, mas foste mal informado! — Concluiu de modo arrogante.

— Desculpe, por favor, permita-me mostrar-lhe as minhas competências em Informática, especificamente na óptica do utilizador. — Insistiu Marcos.

— Rapaz, repito: informaram-te mal. Infelizmente já não precisamos de funcionários.

— Desculpe então! Não queria incomodar, meu Senhor. Tenha, portanto, um bom dia! Licença. — Disse Marcos, exibindo tristeza em seu semblante.

Comovido, o homem chama por ele: — Rapaz, espere um pouco!

Alegre, com um olhar esperançoso, pergunta Marcos: — Chamou-me, senhor?

— Sim, chamei-te.

— Sim?

— Eu não sou o dono deste cyber, mas amanhã muito cedo vem, encontrá-lo-ás.

— Muito obrigado, Senhor! Amanhã, sem falta, estarei aqui. Licença! — Despediu-se alegremente Marcos daquele homem.

— Vá com Deus, rapaz! — Desejou o homem.

Enquanto Marcos regressava em pulos de alegria, o dono do cyber acabava de chegar.

— Ó rapaz, rapaz, rapaz! — Gritava o homem por Marcos.

— Ah, ham! virou-se assustado Marcos. — Sim?! Chamou-me outra vez, senhor? — Gritou perguntando ao homem.

— Sim! Corre, o dono acaba de chegar.

O dono do cyber, acompanhado de dois funcionários recentes, Mauro e Rui, aproxima-se da porta com as chaves para abrir, enquanto, dirigindo-se àquele homem, saúda: — Bom dia, Ângelo!

— Bom dia, sim, chefe! Como passou a noite? — Respondeu o homem com um sorriso de subordinado.

— Sim, passei bem, obrigado! — Respondia o chefe.
— O Laurindo ainda não te veio substituir?

— Não, chefe. Acho que cobrirei o turno dele. A propósito, chefe, há aqui um rapaz que gostaria de falar consigo. — Aproveitou o homem pedindo a Marcos que se aproximasse.

— Manda-o vir! — Respondeu o dono do cyber abrindo delicadamente a porta.

— Posso entrar? — Perguntou Marcos aguardando na porta.

— Estás a suar. Vai ainda limpar o calor e depois entra, rapaz. — Orientou o dono do cyber.

— Está bem! Desculpe-me, senhor. — Respondeu Marcos.

— Tome este pano, rapaz. — Ofereceu-lhe Ângelo.

Passado alguns minutos, trazendo Marcos, Ângelo dirigiu-se ao dono do cyber, em seu escritório: —O rapaz já está aqui, chefe.

— Manda-o sentar, irei já ter com ele.

Marco, num jeito discreto, com as costas da mão direita, limpava a testa que ainda estava meio suada, enquanto via o dono do cyber gritando com Mauro. Intimidado, procurando por consolo, a primeira coisa que lhe veio em mente foi: *orar a Deus*, mas, os multiplicáveis anos que não ia à igreja, abalavam a sua pequenina fé. — Senhor, faça-se a Sua vontade! — Pedia em oração Marcos.

Enquanto orava, recebeu um susto ao ser chamado: — Entra aqui no meu escritório, amigo. — Chamou-o o dono do cyber.

Marco levantando-se do banco, dirigiu-se até ao escritório e disse, entrando: — Obrigado e já, bom dia, senhor!

— Por favor, à vontade, chame-me por Jim.

— Está bem, sr. Jim.

— Então, conte-me o que sabes fazer, amigo? E qual é o seu nível académico? — Perguntou Jim.

Tímido, com um olhar embaraçado, Marcos contou-lhe de sua história, o que o fazia estar naquele cyber.

Comovido pela triste história, Jim perguntou-lhe: —
Trazes consigo o certificado do ensino médio?

— Sr.Jim, como eu contava, perdi o meu pai com 10 anos de idade e, com a sua morte, estudar não tem sido fácil. Portanto, ainda não terminei os estudos. Estou no segundo ano do médio.

— Ah, eu ainda sou jovem, amigo. Chama-me mesmo de Jim, ha ha ha! — Procurou Jim alegrar o rapaz.

— Sim! — Respondeu ele com um tom meio leve.

— Adiante, você vai meter-me num problema, amigo!

— Por quê?

— Já há dois funcionários sem o certificado do médio. E isso é uma exigência mínima para a contratação de funcionários aqui no nosso cyber.

— Desculpe mais uma vez, sr. Jim, fui recomendado, indicado pelo sr. Carlos Vasconcelos e prometo colaborar de modo a ajudar no desenvolvimento deste cyber. —
Dizia Marcos — E tenho comigo, neste envelope, a declaração da 10^a classe; curriculum vitae e o meu

certificado do curso básico de Informática. —
Acrescentou, entregando o envelope a Jim.

— Ah, estão a roubar-me muito tempo aqui, seus incompetentes! — Gritava uma jovem, perto do balcão.

Ouvindo isso, Jim, seguido por Marcos, assustado, dirigiu-se de preocupação até ao balcão para saber o porquê da gritaria da jovem.

Em passos acelerados, Jim enfrenta a jovem, perguntando-a: — O que se passa, ó moça? Por quê a gritaria?

Olhando para Jim, a jovem, como comum em todos os cyber dali, teve a impressão de que era ele o dono do estabelecimento.

— Eu preciso enviar a minha monografia para o e-mail do meu tutor para corrigir. Tenho apenas poucos minutos!
— Explicou a jovem num tom baixo, porém, desesperado.

— Desculpe-nos, moça! Resolveremos já este assunto.
— Confortou-a Jim, olhando para Marcos.

Elevando seu braço ao ombro de Marcos, em passos calmos, levou-o em off e disse: — Então, amigo, tens aqui a oportunidade para mostrares o que sabes. Pronto?!

— Sim, senhor, estou pronto!

Marcos dirigiu-se até o computador principal, pedindo licença ao homem que lá estava — experiente, funcionário de longa data, cinco anos — e, com um olhar de mestre detectou o problema, exclamando: — Oh, está aqui o problema!

— Qual é? — Perguntou o homem, perto dele, que trabalhava com o computador.

— A rede desconectou-se aos computadores receptores, há 30min.

Marcos, rapidamente, resolveu o problema.

Levantando-se, dirigiu-se até onde Jim estava, que sorria de alegria por ver o problema resolvido e, conseqüentemente, mais um cliente satisfeito.

— Acertaste na mosca! Estás contratado, amigo. Começas a trabalhar a partir de amanhã. Vem cedo, não gosto de atrasos. — Concluiu Jim.

Sem o que dizer, a jovem, estudante de Contabilidade Financeira, pegou numa nota de 2.000kz e dava a Marcos, como símbolo de agradecimento.

— Não se preocupe, moça! Foi apenas uma ajuda. —
Rejeitou Marcos.

— Eu sei, moço, mas, por favor, receba. — Insistiu a jovem, que era estudante de Contabilidade Financeira.

Marcos, tímido, olhando nos olhos dos funcionários do cyber, com medo de que o patrão reprovasse tal acto, porém, confortado por Jim, que o aconselhou a aceitar, recebeu agradecendo a jovem estudante de Contabilidade.

Marcos agradecia a Deus, em cada passo que dava, pela recente oportunidade.

Em monólogos solenes, no coração, Marcos alegrava-se, pois agora, tinha oportunidade de pagar a sua dívida.

— Ai, aiii, aiii, aiii, meu pai! — Chorava uma jovem que, aparentemente, vinha do cemitério Camama, vestida de luto, acompanhada pela família que também enchia a rua de choros.

— Acalma-te, Marionete! — Pedia o irmão da jovem, abraçando-lhe em lágrimas. — Devemos ser fortes.

Num instante, a rua encheu-se de pessoas vestidas de preto. Umas iam, outras regressavam do cemitério.

— Amigo, desculpe, há, por perto, um funeral? Quem morreu?! — Perguntou Marcos a um rapaz que carregava duas vassouras e um ramallete.

— Ah, que pergunta! — Admirou o rapaz.

— Por quê?

— Hoje é 2 de Novembro, moço.

Um bruto *déjà vu* embateu nas lembranças de Marcos que, em velocidade da luz, correu para casa.

— Moço, espera, espera, o que se passa?! — Procurou saber o rapaz ao ver Marcos correndo de modo desesperado, porém, recebendo como resposta o virar de costas de Marcos, que, possivelmente não terá ouvido.

— Huiimm! — Fez a porta um barulho ao passo da dança da maçaneta, manejada pelas mãos de Anderson que regressava, com a mãe e a irmã, do Alto das cruzeiras.

Depois do ritual feito no jazigo de António (a dança de vassoura expulsando as folhas que caíam das árvores propícias daquele lugar; o derrame do “*Giorgio Black*”, perfume que Laura utilizava, especificamente, para aquela data, em memória do marido, sobre a tumba; o pranto, em coro, da família), a família estava de regresso, fatigada.

Azarado do sofá, suportava o peso daqueles corpos sentados nele.

— Fuus! — É tudo que se ouvia daquelas bocas que sopravam, com os lábios secos e esticados, o silêncio da tristeza, com os olhares pregados no retrato do pai, estampado na parede da sala de estar.

— Bumm, bumm! — Fez um estridente barulho a pobre porta da frente, ao ser agredida pela atrapalhão de Marcos que vinha correndo apressadamente.

Apalparam a porta com os olhos despreocupados Laura, Teresa e Anderson que, sentados, apenas disseram, suspeitando, numa rima: — Ah, deve ser o Marcos!

De facto, estavam certos. Marcos entrou, aos passos acelerados de preocupação e, de imediato, vê a família toda sentada no sofá, na sala de estar.

No silêncio tatuado no semblante da família, Marcos contempla o rosto da tristeza amarga que trazia a dor da perda de cabeça, António, pai e marido.

Num gesto discreto, passando as costas da mão esquerda sobre o canto do olho esquerdo, como se estivesse a tirar um pequeno lixo, limpa as lágrimas que escorriam em silêncio e, com uma voz melancólica, saúda, despedindo-se: — Família, boa noite e boa noite!

Confuso, como definir aquele dia (2 de Novembro), se triste, pelas recordações do pai; ou alegre por ter ganho o seu primeiro emprego, joga-se de morto na parte de baixo do beliche, a de seu irmão.

Num improviso, Laura aquece os pães na torradeira, frita doze salsichas para acompanhar com um sumo ao jantar.

Teresa diferente para acompanhar o jantar, escolhe o café, quente, meio doce, de que tanto gostava. Comida

apetitosa, após devorarem-na, recitaram o Salmos de costume, em noites de 2 de Novembro, “*O choro pode durar uma noite, mas a alegria virá pela manhã*”.

Como em noites de filmes, as horas passavam e a escuridão assumiu a área, ao desligar das lâmpadas.

Anderson, vendo o irmão no seu lugar, num sono profundo como de bebé, não o incomodou, subiu apenas para a parte de cima do beliche.

Em noites de 2 de Novembro Teresa, de medo, tinha o costume de dormir com a mãe, sentia-se, facto, mais segura, longe dos pesadelos que lhe traziam, quando sozinha, aquele dia.

— “*Chegar cedo. Não gosto de atrasos*”. —
Perturbava-lhe, no sono, remoendo, a voz de Jim.

— Sim, sim, senhor Jim! — Dizia baixinho Marcos, inconsciente, como sonâmbulo. Ao bater suave da luz brilhante da aurora que trespassava a janela de vidro do quarto, Marcos desperta-se e, com a mão direita, inclina o bidão de água “*pura*” na boca, gargarejando às pressas; ansioso, e corre logo para o cyber.

Capítulo

III

— Bom dia, jovem! — Saudou uma linda moça que vinha acompanhada, logo ao abrir do cyber.

— Sim, bom dia, moça. — Respondeu Marcos com os olhos pregados no computador, sem ver quem era a pessoa que o tinha saudado.

Marcos era um rapaz sério, até demais, quando estivesse a trabalhar. Sabia que aquele serviço era importante para ele e sua família. Então, não se atreveu a diluir-se em distrações como faziam seus colegas.

— O jovem está ocupado?

— Isso é óbvio, moça! O que você quer?

— Queremos tirar algumas fotos e orientaram-nos para nos dirigirmos até a si.

— Quem vos orientou?

— O seu chefe, o vietnamita.

— Ah, desculpem-me! Eu estou mui ocupado. Por favor, vá até ao meu colega ali ao lado. — Orientou Marcos indicando Mauro, seu colega.

— Está bem! Mas, por uma questão de educação, poderia olhar para as pessoas, enquanto estiver a falar com elas, moço.

— Sim! Mas tudo o que precisamos usar, neste momento, são os ouvidos e a boca. Você fala, eu ouço-lhe. Eu falo, você ouve-me. De nada vale uma troca de olhar. —Respondeu-a Marcos contextualizando as palavras em coro que seu chefe recitou na reunião: “falar e ouvir, em local de serviço, é o fundamental para se desviar daquilo que o poderia prender o olhar e, conseqüentemente, a atenção”.

— Ah, que arrogante! — Descontentou-se a bela jovem que, de seguida, fula, foi até Mauro.

Mauro era um daqueles folgados. Só continuava trabalhando naquele cyber porque ninguém mais fazia fotos melhor do que ele. Apesar das brincadeiras constantes, que deixavam o chefe furioso, ele era profissional.

— Boa tarde, moço! — Saudou a jovem ao dirigir-se a Mauro.

Banzado, Mauro comia a jovem com os olhos, morria em deleite. A jovem estava dentro duma calça cinza, suéter preto e um ténis branco. Os cabelos, comumente soltos, sem trança alguma, pareciam a uma juba de leão branco; as pontas soltas faziam uma dança slow ao passo da música tímida do ar das ventoinhas prendidas sob o teto do cyber. A calça apertada denunciava a formosura do corpo.

— Olá, há alguém aí nessa cabeça?! — Insistiu a jovem dirigindo-se a Mauro.

Mauro viajava nas imaginações ao ver aquela jovem. Desligou-se completamente da realidade e não dizia nada, só olhava com um rosto bobo.

Insistindo, a jovem eleva sua mão até ao ombro dele, bate duas vezes chamando por ele: — Oi, moço, acorde!

Como um toque de mágica, Mauro regressou. Ainda banzado, olhou para a mão da moça sobre seus ombros, rasgando o rosto com um sorriso crónico, suspirou: — Ah, ela tocou-me!

A jovem, sorrindo, voltou a saudar-lhe: — Boa tarde, moço!

— Por favor, chame-me de Maurício. — Disse ele com um olhar de actor de novelas.

— Ham, está bem!

— O que a trouxe cá, moça linda?

— Vim tirar algumas fotos.

— Oh! Então, veio no lugar certo.

— Sim, já me disseram isso.

— Ah, quem?

— Ele. — Respondeu a jovem mostrando o seu acompanhante, que pregava seus olhos na tabela de preços.

— Ele é seu namorado? — Perguntou Mauro com o rosto esborrachado de desdém.

— Ha ha ha ha ha ha! — Ria-se a jovem. — E por que você pergunta com essa cara amarrotada? — Concluiu.

— Porque se for, a meu ver, ele não te merece.

— Ha ha ha ha ha ha ha! Sério?

— Sim, sério!

— Ah! E quem me mereceria, então?

— Óbvio, eu. — Respondeu Mauro com uma voz de Shakespeare.

— Ha ha ha ha!

— Então, ele é seu namorado? — Insistiu Mauro.

— Não! É apenas um amigo, mas seria bom que fôssemos já para as fotos.

— Sim, sim, é claro.

Seguiram então para o essencial — as fotos.

O perfume habitualmente usado por ela, libertava um cheiro familiar ao olfacto de Marcos que não resistiu a tentação e girou a cadeira em ritmo de girassol, voltando seu olhar para aquela jovem que exibia poses de modelo profissional. Boquiaberto, pregou o olhar naquela jovem e um *déjà-vu* invadiu-o a mente.

Um feedback aconteceu. Os dois olhavam-se directamente, exibindo em seus rostos uma tentativa de lembrança do possível lugar em que se teriam visto.

— Ó fofa, olhe para a câmara, por favor! — Chamava a atenção Mauro àquela jovem que viajava com um olhar até ao rosto de Marcos.

Mauro falava e fazia até sinais, mas suas palavras pareciam bater sobre um muro mudo que revestia os ouvidos daquela jovem.

Marcos sentia novamente aquele arrepio no corpo, da tarde no largo, quando viu aquela desconhecida. Não sabia se se tratava da mesma jovem, mas os sentimentos que o invadiam o coração eram os mesmos e o rosto da jovem que sua mente fotografou naquele dia assemelhava-se direitinho ao da presente jovem no cyber.

O rosto pasmo de Marcos trazia à memória daquela jovem, sua imagem: parado, fazendo caretas de gago diante dela, junto a pedonal naquela tarde de Novembro.

— Querida, insistia Mauro chamando a atenção da jovem — por favor, fixe os olhos na câmara para eu captar o seu lindo rosto.

Dessa vez, suas palavras tiveram efeito, cortaram o elo atractivo que dominava o olhar dos dois.

— Ham, está bem, está bem. Desculpe-me! — Disse ela voltando à realidade.

— Boa! Sem problemas. Vamos às poses, linda.

— Sim!

— Agora sorri, sorri, a alegria evita mil males e prolonga a vida.

— Parece de propósito. Ela fica mais linda a cada pose, como se quisesse chamar a minha atenção! — Exclamou Marcos no seu íntimo.

As fotos continuavam no seu ritmo normal. Mauro captava os traços dela como ninguém. Era um excelente fotógrafo!

Mauro, jovem esbelto, de pele morena, olhos castanhos, atraente, corpo sarado, 1.78 cm de altura, criava

uma mosca apenas, rapando o resto da barba, era mulherengo e gostava de todas as jovens lindas que passavam naquele cyber.

Há dois meses, brincou com os sentimentos de três amigas, envolvendo-se com elas ao mesmo período, sem perceberem, o que lhe custou uma enorme cicatriz nas costas e duas semanas internado numa clínica de Luanda.

Olhou para a jovem, com um ar de actor, plagiando Shakespeare, disse: — É mais fácil obter-se o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada. Então, com os meus lábios rasgados, peço-lhe que me conceda uma foto juntos, moça.

— Ha ha ha! — Soltou um sorriso tímido a jovem.

— Não, não e não! — Interveio o acompanhante da jovem ao ouvir aquele ousado pedido de Mauro.

— Ah! Quem és tu para negar alguma coisa? — Perguntou irado Mauro.

— Sou o **Paulo**, influente o suficiente para se intervir.

— Ah, não te metas, ó cão!

— Ei, ei, ei! — Interrompeu a jovem, vendo que as coisas não acabariam bem. — Parem com isso os dois.

— Está bem! — Concordou o acompanhante da jovem.

— Por você, linda. — Aceitou Mauro.

— Muito bom! Eu sou uma mulher de princípios. — Explicava a jovem, dirigindo-se a Mauro. — Não me devo deixar levar pelos seus elogios, suas doces palavras e um sorriso. Portanto, não há fotos juntos, lamento.

— Sim, respeito! — Disse Mauro.

Marcos também se aproximou deles e, reconhecendo o acompanhante da jovem, que, por sinal era seu grande amigo, deu-lhe um forte abraço saudoso.

O acompanhante da jovem, Paulo, acabava de chegar de Benguela, depois de lá ficar durante quatro anos, finalizando o ensino médio em Construção Civil. Estava em Luanda, desde que regressara, há uma semana, perspectivando ingressar em Arquitectura na faculdade de Engenharia da Universidade Agostinho Neto.

Conheceu aquela jovem, sua vizinha, assim que chegou.

— Paulo, amigo, nunca mais te vi! — Exclamou Marcos com o rosto escandalosamente sorridente. — Quando chegaste?

— Há uma semana. — Respondia Paulo, também tão sorridente, esquecendo-se da arrogância de Mauro.

— Então, conta lá. Como correu a viagem?

— Depois te conto, irmão. Trabalhas aqui?

— Sim, trabalho!

— Há quanto tempo?

— Hoje é o meu primeiro dia.

— Dará para se remediar, certo?

— Sim, sim, dará, amigo.

— Está bem! A propósito, há uma festinha de aniversário do meu irmão, o **Gelson**, hoje, em minha casa. Estás convidado. Estarei à tua espera. Assim, também, conversaremos melhor. São tantas saudades que me invadem o peito, irmão.

— Sem problemas, lá estarei.

— E a que horas largas?

— Às 18h.

— Está bem! Mas gostaria de te apresentar a minha vizinha **Andresa**. — Disse Paulo pedindo à jovem que se aproximasse de Marcos.

Com um olhar receoso, Marcos mira o rosto da jovem, fofo como nuvens brancas em tardes de Fevereiro e um sentimento familiar invade-o o coração. Sentiu-se como na primeira vez que ia àquele “cyber”, onde agora trabalha, a procura de emprego, recomendado por Carlos Vasconcelos, senhor que lhe conheceu no largo, após passar por uma vergonha na paragem do táxi. Nesse dia, andava ele com os olhos flamejantes de esperança, o desejo ardente de ali chegar, a pulsação fora do normal.

Já no cyber, receava não ter coragem para falar com o agora seu chefe, vietnamita, o dono de tudo, Jim. Diluía-se numa luta entre o vou e o não vou, procurava encontrar-se, buscando termos e expressões lindas para falar com aquele vietnamita, o dono, residente em Luanda já há 25 anos, de

cabelo volumoso, tom de pele amarelo, olhos castanhos e maxilares em forma de quadrado; parecia-lhe um mestre de artes marciais.

— Andresa — falava Paulo, apresentando-a ao Marcos

— Este é o meu irmão.

O mesmo sentimento invadia-o ao momento. Interrompeu sua viagem em lembranças do recente passado, aproximou-se da jovem, com um olhar tímido, o coração palpitante, cuidadosamente, o tom muito baixo e disse-a: — Oi! Sou o Marcos.

—... — Encheu os lábios de reticências a jovem, com um olhar penetrante.

— Então, não dirás onde vives, tua idade ou de como e onde conhecestes o Paulo? Pelo que eu saiba, falta muitos detalhes para uma rica apresentação. — Insistiu Marcos querendo ser simpático.

— Prefiro deixar que o Paulo fale sobre nós e não acho o porquê dar todas essas informações sobre a minha vida a um jovem de quem acabo de ser apresentada. E

também, saiba já que o verbo conhecer encontra-se no infinitivo, espero que compreenda que isso leva tempo. — Respondeu-lhe a jovem com uma atitude de mulher difícil.

— Mas eu não disse que me tinhas de dar todos os detalhes, apenas uma simples apresentação baseada nas questões que não queres responder. Contudo, debes ter razão, desculpa se me dirigi mal. — Disse Marcos com um ar nervoso.

— Está bem, sem problemas.

— Sim, mas não era necessário dares essa explicação de Língua Portuguesa, como se eu não soubesse.

— Acho que até fui bem razoável com quem até agora ao ser apresentado a uma mulher, não se sabe dirigir.

— Eu!? — Indignou-se Marcos

—... — Abafou o ar ironicamente a jovem, esticando os lábios rosados.

— Cuidado, ó moça! Tu não me conheces. Sabes de quem eu sou filho e do que sou capaz?

— Oh! Com a idade que tem ainda é defendido por alguém?! Devia é ter vergonha de falar isso.

Enquanto discutiam, Paulo e Mauro diluíam-se em sorrisos irritantes de agitadores.

— Vergonha terias tu ó moça em demonstrar tanta astúcia.

— Então, aconselho-o a assistir a vídeo aulas de como falar com mulheres astutas.

— Ah! — Exclamou Marcos. — Que coisa! Seria bom se essa qualidade continuasse com a serpente. Pelo menos, ela faz bom uso.

—...Por isso é que ela se dirigiu a uma mulher. — Respondeu-lhe a jovem.

— Oh, ouh, ouh — interveio Paulo ao ver seu amigo num beco sem saída — parem, parem! Não vos apresentei para isso. Haja paz.

— Sim, isso mesmo. — Concordou ironicamente Mauro

— Vamos embora, Andresa. Marcos, falamos depois, amigo. — Despediu-se dele Paulo.

—... — Fez um silêncio Marcos, com o olhar voltado para baixo, acenando apenas as mãos para o amigo.

Um mar de gargalhadas vindas de Mauro e alguns colegas inundou aquele cyber, deixando Marcos triste e bastante pensativo.

As palavras daquela jovem, Andresa, pareciam um iceberg diante a gigante (Titanic) auto-estima dele. Sentiu-se mal pela resposta que acabava de receber.

Com um olhar cinza, confortou seus magros glúteos na cadeira, em frente ao computador, apoiou os cotovelos sobre a secretária, as mãos acobertando os maxilares e, numa posição de Samayonga, pôs-se a remoer os tristes sentimentos que o invadiram, quando chegou pela primeira vez naquele cyber, procurando por emprego, ao ser recebido por Ângelo.

Marco ficou acanhado durante o resto do dia. Viu passar o dia inteiro, sentado numa cadeira, fedendo à nostalgia e vergonha. Seus lábios não se atreviam em

rasgar o rosto de sorriso. Via as horas do dia correndo como linhas negras sob o horizonte; como estrelas cadentes, enquanto remoía o ocorrido no cyber.

— Ei, amigo — chamava Jim a Marcos — acorda. São horas de largar.

Maravilhosa obra de Deus! Os últimos raios do ocaso estendiam-se como um quadro de Da Vinci no céu.

“*A pressa é inimiga da perfeição*”. Marcos espantou-se e, com a mão direita pegando a mochila, despedindo-se do patrão, cheirando a homem suado, sem o aroma do perfume “Boss” habitual, dentro duma calça jeans preta, camisa branca “Gucci”, como ténis “converse” vermelho, pôs-se a correr para a casa de Paulo, ao se lembrar do convite feito.

Quem sabe Marcos já não seria o mesmo depois daquele convite feito por Paulo?!

As pessoas dançavam, enquanto as chapas tremiam ao ritmo do som estridente de “*Someoneyouloved*” de Lewis Capaldi. A rua toda era enamorada pelos gritos eufóricos e a música dançante que vinham do quintal de Paulo.

Paulo, jovem alto, atraente, de pele embaciada, mui sanguíneo, gostava de ser o centro das atenções. Vivia com os pais. Era o quarto de cinco irmãos, duma família nobre e mui alegre.

Não tinha o costume de levar garotas para casa, pois era muito reservado, porém, com a Andresa, sua primeira “amiga” no bairro, desde que regressara a Luanda, foi diferente e fez um convite à festa de seu irmão.

— Pum, pum, pum! — Era o som do portão abafado pela música alta da festa. —Pum, pum, pum, pum, pum — Insistia o som.

Com as mãos enamoradas de todo tipo de bebida e comida, os corpos bailavam ao som alegre da música, enquanto o portão chorava pelas batidas de Marcos.

Um jovem, lançado ao portão pelo efeito das exageradas cervejas bebidas, percebe que alguém batia o portão e grita a Paulo, que estava ao lado, numa voz morta, com a língua pesada de embriagues: — Ó Paulo, tem um louco, ou sei lá uma louca, aí fora que quer arrombar o portão e estragar a festa!

Preocupado, Paulo vai abrir o portão.

— Trintra — Soou a fechadura do portão ao abrir solene das mãos de Paulo.

— Só agora irmão?! — Admirou Paulo, ao ver Marcos todo atrasado e atrapalhado. — Entra, entra!

— Desculpa-me, mano, larguei tarde. — Respondeu Marcos, com uma voz cansada.

Ao entrar lento de Marcos, começava uma outra música, uma mais calma e de dança a dois “*tarrachinha*”.

— Entra irmão, diverte-te. — Disse-lhe Paulo. — O Anderson também está aqui, convidei-o.

— Arranjar-me-ás problemas. A mãe sabe disso? — Perguntou Marcos, assustado.

— Sim, pedi à dona Laura.

Em passos calmos, Marcos dirige-se e senta-se a uma mesa, numa cadeira bem decorada, e, com a cabeça balançando ao compasso da música calma, observava, com um olhar invejoso, os corpos atraentes das jovens que seguiam em ritmo numa dança sensual.

Excitado, sem jeito, Marcos diluía-se, monologando, em imaginações, onde, com uma mulher desconhecida, em fortes abraços, deleitava-se de prazeres estimulados pela *speed*, enquanto se deliciava da salada fria recebida de Helena, irmã de Paulo.

Entretanto, Anderson aproxima-se dele. Sentindo o odor a calor, diz-lhe, enquanto entregava um frasco de perfume, que trazia para si: — Marcos, Marcos, recebe!

— Oh, obrigado, Anderson. — Agradeceu Marcos ao receber o perfume.

Num jeito discreto, de homem cuidado, perfuma-se o corpo todo.

— Vamos dançar, todo mundo dançando! — Animava a festa Paulo.

Encostada à parede da casa, sozinha, em pé estava Andresa, com um copo de sumo na mão esquerda, o braço direito cruzado, num vestido amarelo brilhante, mui chamativo, comprado, especificamente, como de costume, para aquela ocasião que demarcava suas curvas, sua anca perfeita.

O corpo esbelto de Andresa sobre o branco daquela parede, sob as luzes apaixonadas da bola de espelho, soltava o aroma de “*La vida é bela*” que traiçoeiro, consumiu o olfacto de Marcos, era-lhe já familiar.

Procurou ele saber de onde vinha aquele familiar cheiro de mulher que o embebedava de curiosidade. Abandonando o prato sobre a mesa, levantou-se, fechando os olhos, com o olfacto atento, caçava o cheiro como os bons conhecedores de vinho.

Meio atrapalhado, porém, passivo, movia-se a balão, embatia-se lentamente nos corpos agarrados em dança sensual a que tocava ali, cheirando suas vestes, mas nenhuma proporcionava tal aroma afim ao das rosas do Éden, sim, enquanto nele havia vida.

— Desculpe-me, desculpe-me, moça! — Desculpava-se ele ao chocar-se sobre o corpo duma jovem e deixar cair seu copo de sumo. — Foi realmente sem querer. Estou meio distraído.

— Sem querer nada! Devia é ver por anda, ó moço. — Reclamava a jovem.

Num jeito cavalheiro, assaz humilde, Marcos retirou do bolço um guardanapo e, com a sua mão direita elevou-o até o peito dela para limpar.

— Deixe-me limpá-la, por favor! — Pediu ele, que, sem esperar pela resposta, actuou.

Como a sua irmã Teresa, cuidando das feridas de Anderson, com muito carinho, limpava ele com todo cuidado, cada zona do peito dela que estava molhada pelo sumo, que, por sinal, era de “*múcua*”.

— Não será necessário, moço, pode parar. — Disse ela, ao sentir o toque suave das mãos de Marcos passando sobre seu vestido deslumbrante.

Preocupado, educadamente continuou, sem esperar sua resposta, dizendo-a: —Desculpe-me, devo continuar porque a minha mãe me ensinou que sumo de *múcua* derramado sobre a roupa, deve ser limpo no mesmo instante, para não deixar nódoa.

Alertado por seu olfacto, percebeu que o cheiro agradável que por muito procurava vinha dela. Desconfiante, aproximou-se mais dela e, como um

massagista, enquanto limpava com o guardanapo, sem querer, tocou, de forma arrepiante, em seus seios.

— Praah! — Fez o som da mão dela sobre rosto de Marcos, numa bofetada de descontentamento pelo seu confundível atrevimento.

— Seu aproveitador! Como te atreves?!

— Como assim?!

— Você entorna-me o sumo sobre o corpo e ainda tocas nos meus... seu cobarde!

— Peço-lhe desculpas, moça, mais uma vez. Não foi intencional. Mas, por favor, eu tenho um nome, Marcos. Chame-me por ele e não por esse adjetivo ultrajante.

Com a boca aberta e os olhos bem fixos no rosto de Marcos, ela diluiu-se num completo *déjà-vu*. Lembrou-se que se tratava dele, aquele jovem que conhecera, de manhã, no cyber.

— Marcos?! — Admirou ela. — O amigo do Paulo, certo?

— Sim, sou eu mesmo. Por quê? A moça conhece-me?

— Oh, apesar da provocação fazer parte da sua índole, você também é amnésico?!

Sem ainda perceber, enquanto, num tímido olhar, tentava reconhecer aquele lindo rosto, porém, pintado das luzes negras que iluminavam fracamente aquele ambiente, disse ele: — Como assim?!

— Então você não é o jovem a quem eu recomendei, hoje de manhã, que assistisse a vídeo aulas de como falar com mulheres astutas?!

No instante de imaginação, em lembranças, Marcos reconhece aquela jovem, era a Andresa. Seu coração bateu forte, sua língua de vergonha pesada ficou e, para sair daquela conversa, conhecendo, em parte, Andresa, disse-a: — Oh, parece um camaleão...

— Como me ousa tratar de animal?!

— Não que você seja um animal irracional. Apenas, falando de animal, retiro dele a qualidade de mudar de cor, assim como você, mandando de adornos, sempre se arreando, parece cada vez mais linda.

Sem jeito, assediada por aquelas palavras vindas do coração de Marcos que despertaram nela o sentido de mulher mansa que há tanto escondia, com os lábios juntos, que brilhavam de beleza, soltou um sorriso ligeiro de contentamento.

— A propósito, eu... — Falava Marcos, quando ouviu, na multidão, um grito assustador: — Morreu, morreu, morreu!

Assustado, numa corrida apressada, foi lá ver o que se passava.

Em paços a abrandar, ao aproximar-se da cena, o olhar preocupante de Paulo dirigido a ele plantou, em seu fraco coração, as sementes da desconfiança.

Em movimentos suspeitos, Marcos aproxima-se da multidão, quando o braço de Paulo, travado em seu peito, tenta acalmá-lo ao impedi-lo.

— Afastem-se, afastem-se todos, deixem o ar entrar, para ele respirar em condições. — Apelava um jovem, no meio da multidão.

— Mas o que se passa, meu?! — Perguntou Marcos com uma voz preocupada, não entendendo nada.

— Fica calmo, Marcos, tem calma, por favor! — Disse Paulo.

— Mas diga, pelo menos, o que está acontecendo. — Pediu ele.

— Anderson, toma, bebe isto para recuperar. — Dizia Helena, enquanto dava uma água com açúcar a Anderson, sentado numa cadeira, que acabava de reagir após ter desmaiado por uns minutos.

Empurrando Paulo para longe, Marcos trespassou aquela multidão. E, lá no meio, estava seu irmão, assaz tenro, pálido como farinha de trigo.

Correu até ele e, prostrado de joelho diante dele, pegando-lhes as mãos, perguntou, já com os olhos em lágrimas: — O que houve, Anderson?

— Ham, ham, ham! — Tentava, em som fraco responder.

— Ele desmaiou, amigo. — Respondeu Paulo.

Aproximou-se deles Andresa, com um olhar solidário, com as mãos sobre seu peito, acanhada, sugeriu: —É melhor levarem-no para casa.

— Sim, sim, vamos, eu ajudo-te, Marcos. —
Ofereceu-se Paulo.

Alfredo, irmão mais velho de Paulo, jovem licenciado em Sociologia da Educação, independente, noivo de Marília, que acabava de chegar à festa com a sua prenda de aniversário do irmão, ao ver aquela cena, comovido, oferece-se para ajudar. — Tragam-no para meu carro, já. — Imperou ele.

Anderson, como um deficiente, apoiando-se, com as mãos estendidas sobre os ombros de Paulo e Marcos, foi levado ao “*Hi 10*” azul-escuro de Alfredo.

— Muito bem, fechem já as portas e põem o cinto de segurança. — Orientou Alfredo.

Fazendo a retaguarda, num ritmo calmo, Alfredo arranca, rumo à casa de Marcos e Anderson.

Entretanto, ao som “*Faded*” de Alan Walker soltado pelo homem da música, dj, as pessoas, em festança,

puseram os corpos a dançar como se nada de anormal tivesse ocorrido.

— Vamos dançar. A vida é uma festa. Tudo já foi resolvido! — Disse o homem da música, focado somente em animar a festa.

Passando por uma pequena loja, junto a um banco Sol, Alfredo parou o carro para comprar alguma coisa de comer e recuperar as forças de Anderson.

— Vou aí ver leite, água e algumas frutas para o Anderson. — Explicou-se Alfredo ao descer do carro.

Enquanto Alfredo ia à loja, Marcos aproveitou, vendo o irmão já meio recuperado, para perguntar o que de concreto, causou o desmaio de Anderson.

— Bebi aquilo, achando que fosse um simples sumo de múcua. Insistindo pelo doce sabor, após dois copos cheios, a cabeça doía bastante, o coração batia acelerado, enquanto via tudo ao redor a girar e ficava sem fôlego até que meus olhos fecharam e a festa escureceu-se por completo.

— Ah, tu bebeste caipirinha?! — Assustaram, em sintonia, Marcos e Paulo.

Puseram-se a rir dele Marcos e Paulo, quando foram interrompidos com a chegada de Alfredo, que regressava da loja e ter usado o multicaixa do banco sol para levantar algum dinheiro.

— Toma, bebe este leite e come estes bolos — orientava Alfredo ao entregar um saco a Anderson — e, amanhã, come as frutas para te dar mais energia.

Sem mesmo terem dito alguma coisa sobre o que se passou na festa, perto de Anderson, Alfredo sentiu o cheiro de álcool que vinha dele e, logo, em discreto, sorrindo silenciosamente, enquanto dançava, calmamente, seus pés nos pedais, ao aproximarem-se da casa de Marcos e Anderson, concluiu, em pensamento, as suspeitas: — Este rapaz desmaiou por beber. Deve ser a sua primeira vez.

Já eram 21h. Alfredo estacionou o carro e desceram calmamente, como se nada tivesse ocorrido, enquanto, no interior, Paulo e Marcos continuavam rindo-se de Anderson.

— Pum, pum, pum! — Fez barulho o portão, interrompendo o silêncio que se fazia naquela rua, ao bater ligeiro de Alfredo.

— Pum, pum, pum! — Insistiu, num ritual, Alfredo.

Noite escura, naquela rua, os luminares no céu, como pequenos pontos brancos sob um grande cobertor preto, reluziam afim a faróis de carros no escuro, fazendo o trabalho dos candeeiros mortos há muito tempo, desde que o governo parou de fazer a manutenção deles.

— Quem bate?! — Gritou Laura com uma voz roca.

— Somos nós! — Respondeu Alfredo por todos.

— Vocês quem?

— O Alfredo e os rapazes, dona Laura.

Laura conhecia Alfredo já desde pequeno, no tempo em que ainda vendia com Isabel, mãe dele. Alfredo tinha o costume de ir ao mercado, ao encontro da mãe, a busca de dinheiro para o almoço. Mas já havia muito tempo que Laura não mais o via, desde que ele ia fazer a licenciatura em Moçambique e lá arranjar a sua esposa, Melinda, jovem bela, alta, clara, cabelos longos, corpo mui atraente,

com quem tem uma filha íris, por ter belos olhos cinzentos como os da mãe.

— Ouh, Alfredo filho da Isabel? — Perguntou, curiosa, Laura.

— Sim, sou eu mesmo.

Laura abriu o portão com um grande sorriso no rosto e, com os olhos pesados de sono, incrédula, olhou-o de alto a baixo, pedindo-lhe que entrasse em casa para matar suas dúvidas sob a luz da lâmpada fluorescente que havia na sala de estar.

Ao entrarem, no corredor que dava até a sala de estar, a luz batia sobre o rosto de Alfredo.

Laura, observando-o direitinho, reconheceu o sinal que Alfredo tinha, na asa esquerda do nariz, que ganhou quando corria entre as bancadas do mercado.

Com um sorriso eufórico, Laura jogou-se a ele com um abraço saudoso.

— Ouh, meu filho, cresceste bastante, — dizia Laura — soube que também já és um homem de família, com uma bela filha e mulher de invejar.

— Sim, sim, é verdade! — Respondeu Alfredo, com lágrimas de alegria, ao recordar-se dos primeiros socorros prestados por Laura, após aquela queda que teve entre as bancadas do mercado.

— Obrigado por trazer os meus rapazes, Alfredo. — Agradeceu Laura.

— Sim, sim! Mas assim eu volto já para Maputo amanhã. A Melinda e a Íris não puderam vir e já devem estar com muitas saudades.

— Ouh, já!? — Admirou Laura. — Você nem me deixou matar as saudades, filho. — Continuou ela.

— Desculpe, dona Laura. Tive que pedir uma licença especial no serviço para estar no aniversário do nosso pequeno irmão. E tenho de voltar já, mas não se preocupe, penso em vir morar já cá em Luanda com a minha família.

— Está bem, filho. Que Deus o abençoe! — Despedia-se Laura de Alfredo com lágrimas nos olhos.

— Sim, mãe, que Deus também vos abençoe. — Disse Alfredo, também, chorando. — E aproveito já entregar — acrescentava ele, ao levar, em particular,

Laura até seu carro — uma pequena quantia de dinheiro que trouxe especialmente para si.

— Para mim?!

— Sim, para si. — Concordou ele ao abrir a porta do carro, retirando um envelope do porta-luvas. — Recebe, por favor.

Recebeu Laura, mui agradecida, jogando-lhe mais um abraço saudoso.

Laura retirou-se, dirigindo-se para dentro, enquanto Alfredo ligava o carro.

— Fiquem bem. Amanhã nos vemos. — Despedia-se Paulo de Marcos e Anderson — A propósito, onde está a Teresa?

— Ah, ela está já a dormir. — Respondeu Laura que acabava de entrar. — E o teu irmão está aí a tua espera, filho.

— Sim, vou já. Até amanhã então. — Disse Paulo ao ir-se embora.

Sem mais conversas, Laura pediu a Marcos e Anderson que fossem já dormir.

À noite, como em tempos de *eclipse total do sol*, encheu-se de escuridão até dentro daquela casa. Nem mais as lâmpadas estavam vivas, ao toque sincronizado de Laura e Marcos nos interruptores. Nem mais a lua brilhava; nem mais as estrelas cintilavam; nem mais os grilos cantavam o hino da noite; nem mais os ratos chiavam nos buracos; nem mais as baratas se deliciavam dos restos de comida que havia da louça na cozinha. A orquestra estava encerrada.

Só o vento frio corria pelas divisões da casa, fazendo um som assustador de “*A Freira*”.

Novo dia, a aurora mal mostrava-se, um novo raiar mal nascia, o cântico do galo, habitual alarme, acordou Laura que, num instante, arrumada, como boa mãe angolana, preparou o mata-bicho, assim como fazia para António, seu falecido marido — pães integrais com chá de caxinde e manteiga derretida — para os filhos e, com a boca cheia de bolacha “*Hipopo*” de chocolate, enquanto carregava na mão o pacote, com uma alegria visível no

rosto pelo dinheiro que recebeu de Alfredo, 300.000 kwanzas, pôs-se a caminhar rumo ao mercado para comprar novo negócio.

Manhã de domingo. Como de costume, o sol parece mais brilhante. Teresa levanta-se cedo para ir ao encontro de Pedro, o acólito, seu namorado e desejado futuro marido para irem à igreja. Preparou-se rapidinho e deliciou-se do mata-bicho que a mãe os deixou.

Com um ar apressado, saiu correndo, embatendo a porta agressivamente, sem se despedir dos irmãos. — Bum!

— Epah, que raios! — Gritou Marcos ao ser acordado pelo barulho da porta.

Já acordado mesmo, foi até a sala e, com as mãos viciantes, ligou o aparelho de som “LG”, no volume 32.

Ao som slow pungente “*Fire on fire*” de Sam Smith, já no quarto de banho, Marcos diluía-se em anamneses da vida, desde o primeiro dia que viu aquela jovem morena, no largo, que o levou a perder o dinheiro no táxi, conseqüentemente, a endividar-se com a mãe; meneando a

cabeça de um lado para o outro ao ritmo da música que lhe penetrava à alma, quando um som estridente da porta lhe agrediu os ouvidos. Alguém batia e parecia aborrecido.

Fulo, enchendo a boca de água, gargarejando às pressas, cuspiu para a sanita e foi ver quem batia daquele jeito desrespeitoso.

— Que raios! Batem a porta desse jeito, como se fossem os donos de casa... — Reclamava Marcos ao desconfiar que fosse Pedro, enquanto se dirigia até a porta. — Quem é?! — Concluiu gritando de raiva.

Marcos era muito ciumento e protector. Não gostava muito de Pedro, namorado de Teresa. Temia que este brincasse com os sentimentos da irmã. Ficava muito chateado quando visse Pedro, aos domingos, ao regressar da igreja, ficar todo o dia com Teresa em casa deles. Como sentinela, andava de um lado para o outro, grudado neles, não os deixando, por um instante, ficarem sozinhos e muito menos irem ao quarto de Teresa.

Pedro era franzino, alto, claro, esbelto, fininho, muito querido por Laura, sua possível futura sogra. Marco, pensando que fosse ele, para o intimidar, não se importou

sequer em colocar uma camisola. Com o tronco nu, apenas de toalha, ao som aleatório “*Love by grace*” de Lara Fabian, girando com robustez a maçaneta, abriu a porta.

— Bom dia... saúda excitadamente Andresa, sem jeito, ao ver o corpo atlético de Marcos, fora das camisas.

Boquiaberto, com um olhar em câmara lenta pregado surpreendentemente em Andresa, Marcos, sem jeito, elevando a mão sobre a testa, cede o rosto em terra. Envergonhado, com a mão direita, sem desprender os lábios paralisados e soltar da boca uma palavra, abriu direitinho a porta e, com a mão esquerda, em forma de vénia, fez um sinal para Andresa entrar.

O corpo moreno de Andresa demarcava-se nuns calções jeans azuis e reluzia, à luz matinal do sol, numa blusa de alça branca que despia os ombros e braços de dela, enquanto o cabelo solto, natural, longo, dançava levemente ao som do ar fresco daquela manhã amarela de domingo.

Com os pés dentro numa “*Havaianas*” que condizia com a blusa, Andresa entrou, em passos tímidos pelo corredor da casa.

— Desculpe por ter batido assim a porta. O volume da sua música está muito alto, por isso... — Justificava-se Andresa.

— Não se preocupe. Desculpe-me também por aparecer assim de tronco nu; e aos domingos tenho ouvido músicas assim.

— Está bem!

— Mas vamos até a sala para sentar, por favor! — Convidou-a Marcos.

— Não se preocupe, estou de passagem. Apenas queria saber como está o seu irmão, depois da noite de ontem. — Disse Andresa.

Andresa não gostava muito de visitar, sobretudo rapazes, mas o estado de Anderson na noite passada deixou-a comovida, mui preocupada, facto que a levou a pedir o endereço da casa de Anderson ao Paulo, quando a acompanhava à casa.

— Sim, sente-se, enquanto eu vou chamá-lo. — Disse Marcos, ao acompanhar Andresa até a sala.

Andresa sentou-se no sofá da sala de estar, o mais grande, que permitia ver os belos quadros de arte, que carregavam neles um grande valor sentimental para aquela família, pregados nas paredes da sala, como herança e o quadro de António com os dizeres “*Adeus, pai. Amamos-te*”, no centro da parede da sala, sob o plasma grande”*LG*”.

— Ei, és mesmo tu quem eu procurava! — Exclamou Marcos, apanhando uma sua camisola jogada no chão do corredor, ao encontrar-se com Anderson a dirigir-se ao quarto de banho da casa.

— Ah, o que foi, Marcos? — Perguntou Anderson com o ar de quem não teve uma boa noite de sono.

—A tua nova amiga está aí na sala, veio ver-te. — Explicou Marcos, ao vestir a camisola, com um tom enciumado.

— Desde quando veio cá uma mulher me procurar?!— Admirou incrédulo Anderson. — Ah, Marcos, não piores a minha dor de cabeça, por favor! — Acrescentou.

— Vamos até a sala, por favor, rapaz.

Foram ambos ao encontro de Andresa que diluía seu olhar no quadro de António dentro duma farda de militar reluzindo aparência de Marcos e Anderson.

Os passos rastejantes de Marcos e Anderson chamaram a atenção de Andresa que rapidamente olhou com os seus olhos castanhos, direitinho para Anderson que sem jeito, diante dela, não sabia o que fazer ou falar.

— Ai, minha vida! Que anjo é esse que veio direitinho aqui?! — Admirou Anderson dentro de si, pois nunca tinha visto Andresa.

Boquiaberto, afastava-se de passos discretos ao ver Andresa a aproximar-se dele com um sorriso doce, brilhante como a lua em noites de negrura nocturna.

— Olá, tudo bem, Anderson? Como foi a tua noite?
— Procurava saber Andresa sobre o estado de Anderson.

— Sim, obrigado! Sim... — Respondeu Anderson procurando saber como aquela bela moça o conhecia, com os olhos afim a lupa, no rosto de Andresa, traços que respondessem à sua dúvida.

Percebendo a atitude de Anderson, Andresa explica-se, apresentando-se a ele, como o conheceu e soube do ocorrido na noite passada. Marcos vendo a inquietude do irmão, pôs-se a rir, dentro de si, como um palhaço.

Ainda sem jeito, Anderson despede-se educadamente de Andresa para ir fazer o ritual da higiene corporal.

— Desculpe, — falava ele num tom baixo, apertando os lábios, suspeitando do mal hálito matinal — levantei a pouco da cama, tenho de me ir higienizar. Volto, prometo, num instante.

Em retirada de Anderson, Andresa senta-se novamente, aguardando por ele. Marcos, com a vontade presa na garganta, tímido, ao som, que parecia eterno “*Love by grace*” de Lara Fabian, num volume suave, assaz novelesco, reduzido por Anderson, aproxima, pedindo que se sentasse perto de Andresa, porém, sem esperar mesmo pela resposta, fixa seus glúteos entoalhados junto dela.

Desconfortável, com os olhos fugindo o olhar intimidante de Andresa, Marcos aproveita o momento para se desculpar do ocorrido no cyber e na festa, em casa de Paulo.

Com um sorriso suave, assaz modesto, Andresa rasga seus lábios rosas afim aos da *Barbie girl*, brilhantes como *Cruzeiro do sul*, suaves como águas calmas do mar pacífico, e diz, como santa mulher: — Estás desculpado!

Balbuciando, Marcos fala baixinho, em voz de poeta: — Sabes, eu nunca pensei que o destino me daria uma oportunidade dessa, de ouro, para me desculpar da minha cobardia.

Tímida, embebedada pela música slow que não queria terminar, Andresa diz suavemente: — Ah, deixe para lá! A propósito, quem é aquele senhor ali na foto? — Acrescenta, apontando com a sua destra para o quadro de António.

— Ah, é o nosso pai, o homem que fez de mim um homem! — Respondeu Marcos com um brilho nos olhos, a voz alegre e o coração sentimental.

Ao proferir tais palavras, um arrepio fez-se e uma ousadia, também embebedado pela música no fundo, tomou conta da timidez de Marcos.

Com um olhar, Marcos percorria sua atenção sobre os lábios, descaindo pelo pescoço liso até os ombros despídos de Andresa, criando em seu coração um desejo do tamanho do Atlântico.

Hipnotizado pela beleza de Andresa e o perfume doce e familiar que saía de seu corpo, atrevido, Marcos eleva sua mão sobre as mãos macias de Andresa. Com um olhar penetrante, fixou os olhos em Andresa, reconhecendo os *brincos compridos e doirados* que ela usava e exclamou suavemente, bem pertinho dos ouvidos dela: — És tu mesmo, a moça do largo!

Andresa, tremendo, pois nunca um homem tinha chegado tão próximo dela, perplexa, suspirou apenas e deixou que o silêncio se fizesse como sua resposta.

Marcos descaiu seu olhar para os lábios dela, concentrando-o com desejo, bem pertinho, onde até dava para ele sentir o respirar desconfortável de Andresa que tremia e o grito de socorro que vinha dos seus olhos.

Subiu as mãos até a barriga de Andresa, acariciando-a bem devagar como descrevia o desconhecido autor do último livro de romance que leu. Casou sua testa e seu

nariz com os dela e, num movimento lento, tinha a intenção de cruzar seus lábios aos dela.

Num grito mudo de socorro em derradeiro deleite, dizendo baixinho: “Pára, Marcos, por favor” ao censurar as mãos de Marcos que intencionavam descair em seu *monte de Vénus*, Andresa é traída ao abrir a boca e Marcos, como um íman, casa seus lábios em beijo os de Andresa.

— Huiimm! — Faz um barulho calmo a porta ao ser aberta por Paulo.

A porta da casa estava encostada apenas e Paulo, que planificara ir, naquela manhã, ver como Anderson estava e passar o domingo com o seu melhor amigo, Marcos, entrou.

Como filho de casa, pensando que, como de costume, Marcos ainda estivesse dormindo, Paulo caminha em passos silenciosos até a sala.

Mirando seu olhar para os lábios em beijo de Marcos e Andresa, Paulo ferve de raiva, com um olhar de ódio iminente, os punhos cerrados de revolta, volta seus passos

e sai dali, embatendo com brutalidade a porta: — Bum, bum! — Reclamou a porta inocente.

Elevando suas mãos sobre o peito de Marcos, Andresa empurra-o e sai correndo descontente.

Na noite passada, na festa, quando Paulo e Alfredo regressaram, esquecendo-se do acontecido do Anderson, Andresa concedeu a Paulo uma dança, a dois, numa roda modesta que se formou ali. Enquanto dançavam, com os corpos próximos um do outro, Paulo nutria seu desejo por Andresa.

Depois dos sorrisos trocados naquela noite, a bela conversa que tiveram, enquanto caminhavam até a casa de Andresa, Paulo viu uma luz verde na simpatia dela; uma chance para um futuro *namoro*.

Apesar de não ter tempo para partilhar com o amigo sobre o que estava sentindo por Andresa, Paulo achava Marcos um traidor e, acusando-o, perguntava-se como ele fora capaz de cometer tamanha “*traição*”.

— Ele é meu irmão. Como foi capaz de me trair assim?! Eu gosto dela. Como ele a tirou de mim?! Se

soubesse, nunca a apresentaria a ele. Se soubesse que a minha atitude simpática seria um nó para enforçar minhas chances de ter Andresa, nunca faria aquela apresentação no cyber. Ah, desgraçado! — Reclamava Paulo no seu interior, enquanto regressava para casa, com a cabeça fervendo. — Como me deixei levar por aquele semblante de mulher inocente; aquela formosura de Bate-Seba?! Afinal ele é uma fácil. Como, ela só o conhece há um dia, há um dia e já?!...

Os ciúmes surgidos naquele momento, ao ver os dois em beijos, só provavam que nascia um sentimento puro no coração de Paulo.

Marcos, caído ao chão pelo empurrão de Andresa, elevou suas mãos sob a cabeça, em forma de arrependimento, e culpava-se de ter estragado tudo pelo atrevimento que teve.

— Como fui capaz de estragar tudo, quando parecia estar bem, como?! Ela não pareceu gostar do meu atrevimento, do meu beijo... maldita música que me persuadiu; maldito livro que me deu as ferramentas para esse *delito passionai*. — Lamentava Marcos, enclausurado

num mar de arrependimentos. — Já não sou o mesmo! Como terei coragem de a enfrentar e desculpar-me?! Ela, provavelmente, já não aceitará. Ela deve ter nojo de mim, considerando-me um aproveitador, oportunista. Ah, quem me dera regressar e fazer as coisas direito. Sim, as pessoas lá do largo tinham razão em rirem-se de mim, eu sou mesmo um louco, um retardado!

Caminhando às pressas, remoía o acontecido, enquanto os olhos derramavam lágrimas de arrependimento.

Andresa chegou em casa, dirigiu-se direitinho a seu quarto, onde diluía-se em fúria como de menina usada. Apesar do remorso, era a primeira vez que Andresa tinha sido beijada por um homem. Era sempre muito imperativa, cuidada. Sabia colocar barreiras e só via beijos nas novelas da “TLN” que tanto gostava de assistir. Mas, desta vez, pesava-lhe a consciência, apesar de no fundo ter sentido uma pequena faísca, um arrepio sensual, por deixar que aquilo acontecesse tão rápido. Sentia-se suja, e, como uma atriz, diluiu-se num drama nostálgico em seu quarto, abafando o grito do choro num travesseiro.

— Como fui tão fácil?! Ele assim achará que sou uma qualquer! Nem nos conhecemos. E logo agora que eu lhe mostrava ser uma garota independente. —Lamentava Andresa. — Canalha! Como foi capaz de seduzir daquele jeito?! Ele não sabe que eu nunca estive assim tão perto de um homem?!

Novembro Intricado

Autor: Aldo Manuel, & Nick de Jesus

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

Aldo Manuel, & Nick de Jesus

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

